A Espiritualidade conjugal
e

os Compromissos
nas Equipas de Nossa Senhora

Equipas de Nossa Senhora

Equipa Responsável Internacional – Setembro 2006

Sumário

Introdução

Contexto deste Tema de Estudo

Primeira reunião

O apelo a viver a espiritualidade conjugal, objectivo das Equipas de Nossa Senhora

Segunda reunião

A espiritualidade conjugal e o Sacramento do Matrimónio

1. - O Sacramento

Terceira reunião

A espiritualidade conjugal e o Sacramento do Matrimónio

2. - Um sistema de valores, uma comunidade, um itinerário espiritual

Quarta reunião

A espiritualidade conjugal e os pontos concretos de esforço

Quinta reunião

A espiritualidade conjugal e a reunião de equipa

Sexta reunião

A espiritualidade conjugal e as orientações de vida

1.- Progredir no amor a Deus

Sétima reunião

A espiritualidade conjugal e as orientações de vida

2. - Progredir no amor para o futuro

Oitava reunião

A espiritualidade conjugal e a santidade

Introdução

«As Equipas de Nossa Senhora, movimento de espiritualidade conjugal, são consideradas como um dom de Deus a todos os casais que delas fazem parte.»

Guia das Equipas de Nossa Senhora

Para avançarmos na nossa caminhada comum nas Equipas procurando compreender de forma mais completa o carisma do nosso Movimento, propomos este tema de estudo:

«A Espiritualidade conjugal e os Compromissos nas Equipas de Nossa Senhora»

A expressão «espiritualidade conjugal» tem sido utilizada desde os primórdios do nosso Movimento. Mas será que percebemos plenamente o alcance desta noção e a sua actualidade no nosso mundo?

Para aprofundar a nossa compreensão, estruturámos este tema de forma a, primeiro, estudarmos a vocação da espiritualidade conjugal e os objectivos das Equipas de Nossa Senhora e, depois, situarmos os seus fundamentos.

As reuniões 2 e 3 são dedicadas ao Sacramento do Matrimónio, estudando primeiro o sacramento e, em seguida, a forma como ele é vivido na realidade do mundo.

A pertinência dos métodos das Equipas de Nossa Senhora é vista nas reuniões 4 e 5, enquanto as reuniões 6 e 7 desenvolvem a orientação da nossa vida no amor a Deus e na futura progressão do nosso amor.

A última reunião apresenta-nos Jesus como modelo e inicia novas reflexões sobre o nosso avanço pessoal e em casal no caminho para a santidade

Aprofundando a nossa compreensão da espiritualidade conjugal, propomos este tema de estudo para promover a aplicação na vida concreta das novas Orientações do nosso Movimento.

A este tema está associado um ponto concreto de esforço para nos possibilitar ir mais longe no nosso compromisso pessoal e conjugal: para este ano, põe-se a tónica particularmente na ORAÇÃO CONJUGAL como principal suporte da nossa espiritualidade conjugal.

Contexto deste Tema de Estudo

Este tema de estudo foi concebido para desenvolver as Orientações para as Equipas de Nossa Senhora de 2006 a 2012, tendo sido apresentado a todos os membros do Movimento em Lourdes em Setembro de 2006.

A finalidade deste documento é fornecer um tema que permita a todos os membros das Equipas do mundo inteiro perceber o que significa a espiritualidade conjugal e como ela pode ser vivida plenamente.

«Espiritualidade conjugal» é a expressão utilizada pelo Padre Caffarel e pelos primeiros membros das Equipas para definir o objectivo do Movimento. Naqueles primeiros anos, a expressão era nova, e só mais recentemente é que entrou na terminologia habitual da Igreja.

Dada a natureza deste tema, é importante que dediquemos tempo à reflexão e à discussão de cada capítulo de maneira aprofundada a interiorizada. É por isso que os capítulos são curtos, mas abrem a um diálogo profundo e contêm perguntas para avançar na reflexão do assunto em questão. Há perguntas para a reunião de equipa, perguntas que podem ser retomadas no Dever de Se Sentar (DSS) mensal e perguntas para cada um e para o casal. A discussão em torno destas perguntas dará ideias para a regra de vida pessoal de cada um.

Para os casais das Equipas que pretendam ir mais longe no seu percurso de formação, foi publicado um livro interessante para apoio deste tema e das Orientações. Este volume está agora à disposição de todos os membros do Movimento. Compreende as exposições apresentadas nos Colégios e em outros encontros das Equipas entre 2001 e 2003, redigidas, na sua maioria, por casais das Equipas. Todas estas conferências foram preparadas especialmente para as Equipas de Nossa Senhora e transmitem-nos uma experiência rica no conhecimento da espiritualidade conjugal.

Cada reunião inclui referências a algumas destas exposições; encorajamos aqueles que desejam aprofundar a sua inteligência do tema de um ou de outro capítulo a estudá-los. Que cada um avance na sua procura!

Cada reunião está estruturada em cinco partes.

A primeira parte apresenta o essencial do conteúdo dessa reunião, acompanhado de referências a conferências das Equipas e a textos da Igreja, da Escritura ou a textos espirituais.

A segunda parte consiste numa passagem da Escritura para a meditação antes e na reunião de equipa.

A terceira parte compreende as perguntas para a reunião de equipa. As quarta e quinta partes apresentam pontos a discutir durante o Dever de Se Sentar e sugestões para mudanças de comportamento que possam levar-nos a uma Regra de Vida.

Tenhamos sempre presente que um tema de estudo nos deve levar a aprofundar cada assunto proposto.

Encorajamos todos os equipistas a enfrentar as dificuldades que possam surgir e a procurar aprofundar a reflexão pessoalmente, em casal e em equipa, com todo o amor de gente que procura e que, como mostrou o Padre Caffarel, forma uma união «em que a inteligência e o coração têm sede de conhecer e de encontrar Deus».

Com a nossa amizade. Que Deus abençoe todos aqueles que procuram encontrá-l'O.

Primeira reunião

O APELO A VIVER A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL
FINALIDADE DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

Introdução

As Equipas de Nossa Senhora começaram pela iniciativa de uns casais que conheceram o Padre Caffarel há mais de sessenta anos: eles pediram-lhe que os ajudasse a desenvolver a sua vida espiritual no contexto do seu matrimónio.

Hoje, o objectivo do Movimento das Equipas não se alterou: continua a ser desenvolver a espiritualidade do casal.

Neste capítulo procuraremos abrir-nos a uma melhor compreensão da espiritualidade do matrimónio. Que é que ela significa? Como temos consciência dela na nossa vida de casal casado? Como é que as diferentes expressões e a prática da nossa espiritualidade pessoal enriquecem os dois cônjuges no matrimónio?

O Padre Caffarel afirmava que os leigos devem «definir claramente os meios e os métodos que constituem a espiritualidade do cristão casado»[1]. Ele definia a espiritualidade como «uma ciência que tem por objecto a vida cristã e os meios que levam à sua plenitude»[2].

Para aprofundar o nosso tema, devemos fazer a nós próprios algumas perguntas e depois discuti-las juntos em casal e em equipa.

Individualmente, exprimimos a nossa espiritualidade de maneiras diferentes.

Pensamos que a Palavra de Deus nos chama a responder-Lhe com todas as nossas capacidades?

Somos capazes de partilhar sobre o que, no fundo do coração, Deus nos chama a fazer?

É importante que tenhamos em casal uma partilha sobre as nossas espiritualidades pessoais, bem como sobre a nossa espiritualidade de casal. Isto levar-nos-á, enquanto pessoas casadas, a aprofundar o nosso projecto para vivermos plenamente a nossa vida de casal, de família e de Igreja doméstica. Esse projecto deverá incluir um itinerário, um programa a que nos possamos referir de tempos a tempos em casal, a fim de pormos em prática o nosso plano para esta vida e para a vida futura…

Pelas nossas trocas de pontos de vista crescemos, como o Padre Caffarel mostrava em Roma em 1970: «O vosso casal dará testemunho de Deus de forma mais explícita se for a

[1] Aos casais responsáveis das Equipas, 1952.
[2] Carta às Equipas, Junho 1950.

união de dois "buscadores" de Deus, segundo a admirável expressão dos salmos. Dois buscadores cuja inteligência e cujo coração estão ávidos de conhecer e de encontrar Deus. Apaixonados por Deus impacientes por se unirem a Ele. Para quem Deus é a grande realidade, que se interessam por Deus acima de tudo»[3].

Como se diz no *Segundo Fôlego*, «Os cristão casados são chamados à santidade. Para eles não é um simples apelo individual, ainda que a pessoa conserve sempre algo de irredutível e incomunicável, mas um caminho a percorrer em casal. Esta é a grande descoberta da espiritualidade conjugal: os dois amores — o amor conjugal e o amor a Deus — não se excluem, antes podem conjugar-se, e todas as exigências da vida cristã podem ser vividas em casal»[4].

Compreender o Amor

Para responder a tal apelo, devemos aprender a sofrer e a aceitar a nossa fraqueza, devemos aprender a perdoar-nos e, pelo dom de nós próprios, a curar-nos mutuamente.

«Quando nos amamos de verdade, também nos acontece sofrer, e esse sofrimento traz-nos fragilidades e incertezas. Cada um de nós já fez certamente esta experiência na sua vida… Aprendemos a pôr-nos ao serviço um do outro, a escutar e a dar, a compreender os silêncios envergonhados, a compreender que o outro nos pode dizer "sim" mesmo se as palavras dizem "não".

«Descobrimos que o outro, quando nos perdoou gratuitamente, curou as nossas feridas. Perdoar nem sempre é fácil, mas é sempre necessário, porque perdoar implica também aceitar as nossas imperfeições. Ao longo de todos estes anos,… treinámo-nos mútua e pacientemente. Aprendemos que aquele que ama melhor e mais é que pode ensinar o perdão. Nunca esqueçamos que o Senhor nos confiou um ao outro e, no dia do nosso casamento, nos concedeu um dom inesgotável que nos acompanha ao longo de toda a nossa vida»[5].

Muitos de nós, casados há anos, terão feito esta experiência, e o Padre Caffarel bem o percebia quando dizia: para os casais que desejam crescer na vida espiritual, está fora de questão «fugir do mundo, mas aprender, seguindo o exemplo de Cristo, a servir a Deus na totalidade da sua vida e na densidade do mundo». Ele leva-nos a descobrir que a espiritualidade não se reduz a umas quantas acções, tais como orações e práticas ascéticas, mas impele-nos a servir a Deus nos nossos lugares de vida, na nossa família, no nosso trabalho e na sociedade.

---

[3] *As Equipas de Nossa Senhora*, textos apresentados por Jean e Annick Allemand.
[4] *O Segundo Fôlego*, ERI, 1988, 2.3.
[5] Tó e Zé Moura Soares, – Colégio de Dickinson, Julho 2001.

Na prática

«O amor romântico é tão importante como o amor escolhido, querido, comprometido. É essencial que o casal respeite o seu lado humano enquanto romântico dizendo "amo-te" de todas as maneiras — palavras, carícias, beijos, abraços, jantarinhos, rosas vermelhas, etc. É ainda mais importante que os membros do casal tomem consciência de que o seu amor deliberado é paciente, prestável, pronto para o perdão, não se ensoberbece, está pronto a desculpar, é confiante, etc. (cf. 1 Cor 13), sem ter em conta como cada um se sente, se está num dia em que tudo corre mal ou num dia de sétimo céu.

Devem considerar-se a si próprios e mutuamente como parceiros activos no casamento. Cada um oferece e recebe dons preciosos. Cada um deve considerar-se e considerar o outro como um dom providencial de Deus, alguém que deve ser honrado e acarinhado.

Cada um deve perceber que, se não pode mudar o outro e deve aceitá-lo como ele é, pode, sem dúvida, por amor ao outro, fazer muito para se mudar a si próprio a fim de ser para o outro um dom melhor»[6].

Em tudo isto devemos tomar consciência do pecado e do perdão de Deus, pois a espiritualidade do casal não pode ser idealizada. Nos momentos difíceis ou de incompatibilidade que provocam as nossas divisões, temos que descobrir que somos pecadores.

Os fracassos do amor fazem-nos tomar consciência de que o próprio amor precisa de ser salvo. A este propósito, dizia o padre Caffarel: «Se, aceitando a cruel descoberta [de serem pecadores], a sua comunidade conjugal acabar por se tornar comunidade penitente na grande comunidade penitente da Igreja e recorrer ao seu Senhor, cuja presença e solicitude não quer pôr em dúvida, então, abrindo-se ao perdão, renascerá para a esperança»[7].

O que a Igreja diz hoje

O Padre Fleischmann, ao falar do Concílio Vaticano II em Dickinson em 2001, dizia:

«No centro da perspectiva, o Concílio tem palavras muito claras acerca das qualidades do amor humano que este sacramento especial consagra. Pode haver diversidade de abordagens consoante as culturas, mas trata-se de um amor eminentemente humano… que envolve o bem da pessoa na sua globalidade. Este amor sem desfalecimento garante a dignidade da expressão física e afectiva ou psíquica, específica da amizade conjugal; ultrapassando a inclinação erótica, os sentimentos e os gestos de ternura promovem o dom recíproco pelo qual os esposos se enriquecem na alegria e no reconhecimento (cf. GS 49.1-2)»[8].

[6] Pat e Marguerite Goggin, *Espiritualidade conjugal – Uma perspectiva antropológica*.
[7] Henri Caffarel, *Le Mariage, ce grand sacrement,* pp. 332-333.
[8] Mons. Fleischmann, O casal no povo de Deus segundo o Concílio Vaticano II – Dickinson, Julho 2001.

Jesus presente connosco

«Para nós, enquanto casal, o ensinamento da Igreja, quando nos diz que o marido deve amar a esposa a exemplo de Cristo que ama a Igreja e também que a esposa, em reciprocidade, deve amar o marido como a Igreja ama Cristo, passa da teoria à prática. É uma experiência a ter em conta, em que é preciso reflectir e que se pode saborear. Os Pontos Concretos de Esforço ajudaram-nos a compreender isto»[9].

Entreajudar-se no dia a dia

«Precisamos de ajudar o outro a encontrar o equilíbrio justo entre o físico e o emocional, o mental e o espiritual. É nesse equilíbrio que nos tornamos pessoa espiritual e, juntos, casal animado de espiritualidade conjugal. Percebemos que temos de trabalhar para viver cristãmente no mundo de hoje. Ajudando o outro a fazer crescer a sua espiritualidade, é importante perceber que, para progredir, devemos deixar-nos guiar por Jesus e pelo seu Espírito Santo»[10].

Ajudamo-nos, em casal, a não nos esquecermos de dar lugar a este tempo importante para a nossa vida conjugal aberta à relação com Deus por Jesus Cristo?

Reflexão bíblica para a reunião de equipa

Meditemos no ensinamento de São Paulo aos coríntios (1 Cor 13, 4-13):

«O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais passará. As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará e a ciência vai ser inútil. Pois o nosso conhecimento é imperfeito e também imperfeita é a nossa profecia. Mas, quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Mas, quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança. Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido. Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor.»

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

Consideramos que o «amor querido» é uma pedra angular do nosso matrimónio? Como é que ele nos ajuda a mudar-nos a nós mesmos para sermos para o outro um dom mais autêntico?

---

[9] Jan e Peter RALTON, O casal contempla o rosto humano de Cristo – Colégio de Melbourne, Julho 2002.
[10] Fr. M. P. Gallagher S.J. e John e Elaine Cogavin, A espiritualidade do casal – Roma, 2003.

Como podemos favorecer o dom de si recíproco que permita aos cônjuges enriquecerem-se um ao outro?

Que mudanças poderíamos introduzir na nossa relação de forma a tornarmos o nosso amor mútuo mais próximo do amor que Cristo dedica à sua Igreja?

Este crescimento leva tempo; é uma "resposta progressiva a Deus". Esta resposta exige o tempo da reflexão e do silêncio para nos pormos à escuta do Espírito que nos guia. Como nos ajudamos um ao outro, em casal, a disponibilizar-nos para nos pormos à escuta das sugestões do Espírito?

Dever de Se Sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

A espiritualidade conjugal deve apoiar-se em pessoas que progridem na sua própria espiritualidade, com os seus próprios métodos, ao mesmo tempo que avançam juntos em casal com Jesus na caminhada do seu matrimónio.

Como construímos juntos esta concepção da nossa relação conjugal? Quais são os primeiros passos a dar?

Mudança nos nossos comportamentos

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de vida.

Se admitimos com São Paulo que «o amor é paciente, o amor é prestável», como é que, no passado, fizemos a experiência de que essa paciência e essa caridade nos ajudaram a aprofundar a nossa relação?

Logo após a reunião, meditemos nisto individualmente e, depois, partilhemo-lo na intimidade do casal, para praticarmos estes valores de forma mais consciente durante o mês.

Segunda reunião

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO
Primeira parte — O Sacramento

Em Maio de 2004, o Papa João Paulo II falava a um grupo de bispos americanos da importância e do carácter sagrado do matrimónio. Dizia o Papa: «A vida de família é santificada pela união do homem e da mulher na instituição sacramental do matrimónio. Por conseguinte, é essencial que o matrimónio cristão seja compreendido em todo o seu sentido e que seja apresentado ao mesmo tempo como uma instituição natural e como uma realidade sacramental»[11].

Dispomos de inúmeros estudos acerca do nosso sacramento e somos bem orientados pelo direito da Igreja (Código de Direito Canónico, cânones 1055-1140) e pelo Catecismo da Igreja Católica (números 1601-1666). No entanto, para respondermos ao pedido do Papa, e para compreendermos o sacramento em plenitude, pensamos que é proveitoso procurar compreender o matrimónio sob os seguintes aspectos:

1. um sacramento
2. um sistema de valores
3. uma comunidade
4. um itinerário espiritual.

A relação do marido e da mulher no matrimónio é comparada ao amor de Jesus pela sua esposa, a Igreja.

Jesus passou a sua vida na terra a ensinar-nos e a praticar Ele próprio valores fundamentais nas relações humanas. Ele sublinhava a importância de construir uma comunidade, e mostrou que a sua íntima relação com o Pai e o Espírito é «a comunidade de amor».

«Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, e que Eu vos hei-de enviar da parte do Pai, Ele vos dará testemunho a meu favor, e vós também haveis de dar testemunho, porque estais comigo desde o princípio» (Jo 15,26-27).

Jesus deu-nos a Eucaristia para estar sempre connosco. Pela sua morte, Ressurreição e Ascensão ao céu, criou as condições para que o Espírito esteja connosco, para nos permitir viver no seu Espírito a vida da Igreja, o seu Corpo.

Tomando como modelo Jesus, a Igreja e a comunidade, propomo-nos estudar este importante tema em dois capítulos, de modo a reservar duas reuniões ou mais para o aprofundar com os membros da Equipa.

[11] João Paulo II, alocução aos bispos de San Antonio e Oklahoma City, Maio 2004.

Neste capítulo 2, examinaremos em conjunto o sacramento do matrimónio, a sua natureza e a sua realização. No capítulo 3 desenvolveremos o sentido do sacramento como sistema de valores e como comunidade e a sua espiritualidade.

O Sacramento do Matrimónio

«Desde o princípio da criação, Deus fê-los homem e mulher. Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher, e serão os dois um só. Pois bem, o que Deus uniu, não o separe o homem» (Mc 10, 6-9)

É importante que, como casais, vivamos o nosso matrimónio como sacramento. Num primeiro nível, o matrimónio sacramental dos cristãos proclama, vive e celebra a comunhão íntima de vida e de amor entre o homem e a mulher. A um nível mais profundo, a comunhão de vida e de amor entre o homem e a mulher explicitam e manifestam a comunhão íntima de vida, de amor e de graça que une Cristo e o seu povo, a Igreja.

São Paulo volta constantemente a este tema do matrimónio e da relação entre o marido e a mulher como aliança de amor.

História

Desde os tempos mais recuados, o matrimónio é uma relação institucional, e a família é a unidade de base para a comunidade humana, bem como para a continuidade e a transmissão das heranças na sociedade. Isto é claro desde o Génesis, ao longo de todo o Antigo Testamento até às bodas de Caná, quando Cristo realiza o seu primeiro milagre.

No século V, porém, Santo Agostinho acabou por enunciar os elementos e as obrigações que, a seguir, iriam tornar-se nos fundamentos do sacramento.

Para ele, os três bens essenciais do matrimónio eram: a fidelidade, a descendência e o sacramento. No contexto de hoje, o Catecismo da Igreja Católica formula os três bens e deveres do amor conjugal da seguinte forma:

– A unidade e a indissolubilidade do matrimónio

– A fidelidade do amor conjugal

– A aceitação da fecundidade (C.I.C. 1644-1652).

Hoje falamos de fidelidade, falamos de abertura de um ao outro e ao desenvolvimento da comunidade, falamos da graça do sacramento dada pelos esposos um ao outro, como uma relação de amor na presença do Espírito Santo. Esta realidade acentua mais a importância da relação mútua e a maneira como nos amamos e como vivemos o nosso quotidiano.

No ano 1300, a posição do teólogo Duns Scot — segundo a qual o homem e a mulher são os ministros do sacramento — foi comummente aceite, e continua a sê-lo hoje na cristandade ocidental.

São Tomás de Aquino ensina no século XIII que «a forma do matrimónio consiste na união inseparável dos espíritos, um casal comprometido numa amizade fiel».

No entanto, enquanto a procriação era considerada o objectivo primeiro do matrimónio, não se acentuava a relação pessoal entre o marido e a mulher. A partir de 1939, o Padre Caffarel e os primeiros casais das Equipas falam de espiritualidade conjugal. Só há uns cinquenta anos é que a relação do casal começou a ser geralmente reconhecida ao mesmo nível como um objectivo primário do matrimónio na Igreja.

«Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus».

Por cada acto de amor, tornamos a presença de Deus mais real. Deus é o invisível parceiro que leva o matrimónio à plenitude do amor.

O Matrimónio como comunidade

A vida de uma tal comunidade de amor é muitas vezes evocada como a «construção de uma pequena Igreja», ou «Igreja doméstica».

Dos sete sacramentos, o Baptismo, a Confirmação, a Penitência e a Unção dos doentes têm uma orientação "individual". A Eucaristia tem as duas orientações, individual e comunitária. O Matrimónio, que perpetua a raça humana, e a Ordem, que garante a continuidade da Igreja, têm um objectivo claramente público e comunitário.

O Padre Caffarel, em 1962, falava assim do matrimónio: «O sacramento tem a característica de o seu sujeito não ser o indivíduo como nos outros sacramentos, mas o casal enquanto casal. De facto, ele consagra e santifica esta pequena sociedade, única no seu género, que é formada pelo homem e pela mulher casados»[12].

Em 1967, Karl Rahner descrevia assim a relação do matrimónio: «Como é o amor de Deus que sustenta a criação, que dá a vida e o amor aos seres humanos e que atrai tudo para Deus por esse amor, o amor entre duas pessoas pode levá-las a atingir o outro ao nível mais profundo do seu ser. O amor pessoal que se manifesta no matrimónio é portador de salvação, pois, na sua origem, está muito próximo do amor pelo qual Deus Se revela — é o mistério mais íntimo e a vida da pessoa humana»[13].

Em resumo, Rahner diz-nos: «Onde está o amor, aí está Deus!

O ministério que os esposos exercem mutuamente pode ser realizado plenamente, como diz o Código de Direito Canónico: «O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os baptizados foi *elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de sacramento. […] O consentimento matrimonial é o acto da vontade pelo qual o homem e a mulher, por pacto irrevogável, se entregam e recebem mutuamente, a fim de constituírem o matrimónio» (Cânones 1055-1057).*

[12] Carta mensal das ENS, Padre Caffarel, Março 1962.
[13] Karl Rahner, *Le Mariage comme sacrement – essai* (O Matrimónio como Sacramento – ensaio), 1967.

Promessa mútua e dom da pessoa

O sacramento é, portanto, uma promessa mútua e a realização desse compromisso durante toda a vida. Isto significa que o Senhor Se torna presente pela sua graça de uma maneira nova e mais profunda no próprio momento da troca dos compromissos. Mas isto implica também que Cristo continuará a estar presente de maneira única cada vez que o esposo e a esposa cumprem essas promessas mútuas, cada vez que se ajudam mutuamente, cada vez que se unem, que se perdoam e que vão ao encontro daqueles que os rodeiam.

Segundo o ensinamento do Vaticano II, «[…] o Salvador dos homens e esposo da Igreja vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimónio. E permanece com eles, para que, assim como Ele amou a Igreja e Se entregou por ela, de igual modo os cônjuges, dando-se um ao outro, se amem com perpétua fidelidade» (*Gaudium et Spes*, nº 48).

Pela sua sexualidade, os esposos podem dar vida um ao outro e fazem viver a sua relação. Compreender assim a nossa sexualidade deve encher-nos de gratidão um para com o outro e para com Deus por esta maravilhosa experiência, plenificante e benéfica, fonte de reconciliação. Hoje em dia, toma muitas vezes um carácter opressivo, ou então o da facilidade. Quando aprofundamos a qualidade da nossa relação e desenvolvemos uma verdadeira intimidade, a sexualidade e o acto sexual tomam a dimensão querida pelo Criador: a intimidade da relação, com a presença do Espírito Santo, atinge um ponto alto na comunhão — dar e receber numa unidade total —, o que cria uma ambiência de amor, de abertura, de dom da vida de um ao outro e a todo o género humano.

Monsenhor Lafitte, falando às Equipas em Roma em 2003, dizia: «No matrimónio, esta união (entre o homem e a mulher) não é anónima; é a expressão de um acto de amor tal que deu lugar por parte dos esposos a uma doação total, exclusiva e definitiva. […] É pelo facto de o matrimónio ser um dom pessoal em que a totalidade da pessoa se compromete de forma exclusiva (o que, de resto, exprimem os actos próprios a esta união entre o homem e a mulher) que a dimensão temporal está presente. Se a pessoa reservasse para si a possibilidade de decidir de maneira diferente para o futuro, como se poderia ainda falar de fidelidade? O compromisso à fidelidade, no plano antropológico, não pode pôr um limite no tempo: esta é uma característica própria da relação amorosa em que se reconhece e honra a dignidade da pessoa do cônjuge com o qual a pessoa se compromete».

<u>Reflexão bíblica para a reunião de equipa</u>

«Submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo: as mulheres aos seus maridos como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja — Ele, o salvador do Corpo. Ora, como a Igreja se submete a Cristo, assim as mulheres, aos maridos, em tudo.

Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada. Assim devem também os maridos amar as suas mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. De facto, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja; porque nós somos membros do seu Corpo. Por isso, o homem deixará o pai e a mãe, unir-se-á à sua mulher e serão os dois uma só carne, Grande é este mistério; mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à

Igreja. De qualquer modo, também vós: cada um ame a sua mulher como a si mesmo; e a mulher respeite o seu marido» (Ef 5,21-33)

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

- Enquanto casais, quando é que temos consciência da verdadeira presença de Cristo em nós? Que é que desencadeia em nós esta tomada de consciência? Como é que a percepção dessa presença muda o nosso comportamento?
- «O compromisso para a vida é pertinente e necessário ao carácter sagrado do matrimónio». Reflictamos naquilo que motiva essa importância e na nossa resposta enquanto casal.
- Como é que somos um para o outro, individualmente e em casal, ministro do sacramento do matrimónio? Como recebemos essa graça na rotina diária?

Dever de se sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

*«Como cada um dos sete sacramentos, também o matrimónio é símbolo real do acontecimento da salvação, mas de um modo próprio. "Os esposos participam nele enquanto esposos, a dois como casal, a tal ponto que o efeito primeiro e imediato do matrimónio (*res et sacramentum*) não é propriamente a graça sacramental, mas o vínculo conjugal cristão, comunhão a dois tipicamente cristã porque representa o mistério da Encarnação de Cristo e o seu Mistério de Aliança. O conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal comporta uma totalidade na qual entram todos os componentes da pessoa — chamamento do corpo e do instinto, força do sentimento e da afectividade, aspiração do espírito e da vontade. O amor conjugal tem por fim uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, conduz a um só coração e a uma só alma; exige a indissolubilidade e a fidelidade da doação recíproca definitiva e abre-se à fecundidade" (cf. Encíclica* Humanae Vitae*, nº 9). Numa palavra, trata-se de características normais do amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e as consolida, mas eleva-as a ponto de as tornar a expressão dos valores propriamente cristãos»* (João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 22 de Novembro de 1981, nº 13).

Perguntas:

- «Onde há amor, aí está Deus» — Em que circunstâncias fizemos a experiência de uma intimidade no amor em que Deus está presente em nós como casal?
- Quais são os valores que convém desenvolver, pessoalmente e em casal, para fortalecer o nosso compromisso à fidelidade?

Mudança nos nossos comportamentos

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de vida.

São Paulo escreve aos coríntios: *«O amor jamais passará»*.

- Pouco depois da reunião de equipa, podemos reflectir, pessoalmente, nesta palavra e depois, numa partilha íntima, na visão de eternidade contida nesta frase para o casal.
- Que resoluções tomamos para que a nossa relação conjugal seja um verdadeiro encontro desse "Ser novo", criado pelo nosso matrimónio, com o Senhor?

Terceira reunião

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

No capítulo anterior, estudámos a natureza, a essência e a realização do sacramento do matrimónio. Neste capítulo, vamos considerar o sacramento como um guia, um benefício e uma experiência vivida que conduzem à santidade (à plenitude). Propomos estudar isto tomando como referência o ensinamento de Jesus:

- um conjunto de valores que provém de uma visão comum partilhada,
- uma comunidade que resulta de um objectivo comum,
- um percurso espiritual ao longo do qual o casal realiza a sua alegria de viver com o auxílio do Espírito Santo.

Um conjunto de valores que provém de uma visão comum partilhada

Os valores que Jesus nos ensinou são valores humanos fundamentais: fidelidade, perdão, cura, educação, acolhimento do outro, compromisso para toda a vida.

«E sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,20).

Esta promessa de Jesus à *«sua Esposa, a Igreja»* é o nosso modelo cristão de matrimónio. Não nos é fácil viver segundo este modelo. Todavia, se cultivarmos juntos estes valores ao construir o nosso casal, talvez percebamos melhor que Jesus caminha connosco.

Compromisso para toda a vida, fidelidade, perdão, cura, educação, comunicação, amizade, unidade de objectivo: são apenas alguns desses valores essenciais.

Amparo e Carlos Gomez-Senent desenvolveram a reflexão sobre estes valores no Colégio de Melbourne citando Xavier Lacroix: «O casal cristão começa a formar-se no momento em que recebe o sacramento do matrimónio e continua a sua formação à medida que responde a Deus. "Toda a vida no matrimónio é sacramental. Podemos mesmo dizer que o casal entra a pouco e pouco no matrimónio. Todos os actos que dele fazem parte são sacramentais: as refeições que se tomam em conjunto, os abraços sensuais, a educação dos filhos, o respeito mútuo e até mesmo as crises e as reconciliações. O lugar do sacramento não está só no altar da igreja; está também na cama, à mesa, em casa" (X. Lacroix)»[14].

Uma comunidade que partilha o mesmo objectivo

Para nos tornarmos comunidade, temos que partilhar os nossos objectivos e o estado de espírito que nos une. Juntos reconhecemos que somos responsáveis um pelo outro. Temos que reconhecer que esses laços vêm de Deus: são dons de Deus.

[14] Gómez-Senent, O casal progride na santidade – Melbourne, 2002.

Se considerarmos as relações no seio da Santíssima Trindade como as de uma comunidade, vemos três Pessoas divinas com três missões claramente distintas: o Pai Criador, o Filho Salvador e o Espírito Animador. Estas relações constituem para nós um modelo em virtude do seu objectivo comum: levar toda a humanidade a participar no Reino de Deus.

Dando-nos este modelo de unidade, a Igreja convida-nos, enquanto casal cristão, a tornarmo-nos, pelo Espírito Santo, uma comunidade (cf. *Lumen Gentium*, nº 4). São João propõe-nos, no seu evangelho, este mesmo modelo da Igreja como comunidade à imagem da Santíssima Trindade.

«Somos mais que um homem e uma mulher que se amam. Pelo sacramento do matrimónio, o próprio Deus torna-Se presente entre nós, e a nossa união participa do mistério da Santíssima Trindade»[15].

«Três elementos essenciais de uma vida comunitária aplicam-se também à vida de família: a relação interpessoal, a consciência de uma pertença, a orientação da vida para um objectivo comum e para um testemunho comum»[16].

Se a comunidade existe neste sentido, o casal orientar-se-á para a realização do objectivo comum que é essa comunidade. A intimidade da relação suscita um amor, uma maneira de viver e de aprender juntos que se desenvolve numa nova abertura, numa sensibilidade e numa atitude de hospitalidade. À medida que o Espírito nos conduz e nos faz desejar este estado de coisas, devemos ter consciência de que somos humanos e sujeitos às nossas fraquezas humanas, que constituem obstáculo ao espírito de comunidade.

Este tema foi muito bem desenvolvido por Joseph e Emanuela Lee: «Somos convidados a discernir, apesar da nossa fraqueza humana, a beleza de um rosto mesmo quando este está desfigurado. Somos incessantemente chamados a olhar o rosto do nosso cônjuge que nos confiou, no fundo do nosso coração, a sua liberdade. E, reciprocamente, somos chamados a confiar a nossa própria liberdade e o nosso coração a essa criatura, que assim se torna para nós mensageiro de Deus. […] Mas uma partilha plenamente aberta com os outros com amor ser-nos-á difícil se não aprendermos a escutar o grito silencioso daquele ou daquela que não tem o sentimento de partilhar totalmente a nossa vida»[17].

Espiritualidade

Se tomarmos mais consciência um do outro, bem como do nosso sacramento e dos valores necessários para viver plenamente a nossa vida conjugal, começaremos a desenvolver uma atitude de intimidade, de abertura e de hospitalidade.

Esta atitude, pela graça do Espírito Santo, ajuda a comportar-nos num espírito novo que promove o desabrochar das nossas duas pessoas e conduz-nos mutuamente a uma plenitude de corpo, de espírito, de coração e de alma, dando, ao mesmo tempo, lugar à realidade de Deus na nossa vida quotidiana.

---

[15] Lila e Carlos Cobellas – Bogotá, Agosto 2004
[16] Jean Vanier, *Communauté et Croissance*
[17] Joseph e Emanuela Lee, O casal cristão chamado a viver a Aliança conjugal – Melbourne 2002

Este comportamento de dom de si sustenta e alimenta o outro. Caminhando juntos, exprimimos o nosso reconhecimento mútuo através de uma intimidade sexual que é simultaneamente palpitante e plenificante. Graças a esse desabrochar, abrimo-nos a um espírito de hospitalidade, de criatividade e de sensibilidade que gera novas vidas, tanto a nível biológico como a nível espiritual.

O nosso amor sem reservas um pelo outro exprime, de uma maneira muito humana, a realidade do Reino de Deus aqui na terra. Tornamo-nos sensíveis às mudanças humanas e à evolução humana enquanto nos mantemos fiéis à nossa visão comum.

Neste espírito, a «Igreja doméstica» (*Ecclesiola*) é vivida no nosso amor mútuo e no amor de Jesus pela sua Igreja. A nossa fé aprofunda-se e cresce individualmente, em casal e em comunidade.

«O lar cristão é o lugar onde os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. É por isso que a casa de família se chama, com razão, a "Igreja doméstica", comunidade de graça e de oração, escola de virtudes humanas e de caridade cristã»[18].

Tal como o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem em relação de comunidade, o casal toma cada vez mais consciência do seu sacramento do matrimónio e do seu desabrochar. O nosso amor, ao aprofundar-se, faz-nos colaborar com Deus na criação da vida e da sociedade e faz-nos participar na criação de uma comunidade espiritual e humana.

Uma abordagem deste assunto foi desenvolvida pelo Padre Fleischmann na sua exposição "A herança do Padre Henri Caffarel": «Com efeito, pelo sacramento do matrimónio, é "o casamento total, na sua realidade jurídica, carnal e espiritual, que é feito sacramento, a tal ponto que a união física do homem e da mulher é parte integrante do sacramento. A vida conjugal na sua totalidade não só é curada, elevada, santificada, mas é também feita santificante"[19]. O sacramento do matrimónio, onde a presença activa de Cristo está tão profundamente implicada, é um elemento essencial da construção da Igreja. […] Pelo sacramento do matrimónio, os casais são feitos participantes da construção do Corpo de Cristo no próprio coração da sociedade humana onde estão inseridos. […] Onde vive um casal cristão, aí começa já a viver a Igreja».

<u>Reflexão bíblica para a reunião de equipa</u>

«Eu dei-lhes a glória que Tu me deste,

de modo que sejam um, como Nós somos Um.

Eu neles e Tu em Mim,

Para que eles cheguem à perfeição da unidade,

E assim o mundo reconheça que Tu Me enviaste

E que os amaste a eles como a Mim.

João 17,22-23

[18] Catecismo da Igreja Católica, nº 1666.
[19] *Mariage, ce grand Sacrement*, p. 315.

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

- Por que é que os valores humanos ensinados por Jesus são importantes para vivermos plenamente o nosso sacramento do matrimónio?
- De que tem o nosso casal beneficiado a partir destes valores?
- De que forma temos vivido, em casal, a construção do Corpo de Cristo na nossa comunidade? Como temos contribuído para isso?

Dever de Se Sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

São Paulo diz aos coríntios: *«Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor…»*.

Como podemos entreajudar-nos no nosso matrimónio:

- a progredir na nossa fé em Deus e na nossa caminhada em conjunto para Ele?
- a progredir numa atitude positiva para com a vida e na esperança para o nosso desabrochar e para o nosso futuro?
- a progredir na nossa relação mútua e — em consequência desse progresso — num espírito de hospitalidade?

Mudança nos nossos comportamentos

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de Vida.

- Se, então, com o Espírito Santo, queremos viver a nossa vida conjugal com o sentido da comunidade, quais são as atitudes e os comportamentos necessários para vivermos plenamente esta vida, em particular no que se refere à oração conjugal?

Pouco depois da reunião de equipa, podemos reflectir nestes pontos individualmente, depois partilhá-los em casal e, em seguida, pôr estas virtudes em prática de maneira mais consciente durante o mês.

Quarta reunião

A Espiritualidade Conjugal e os Pontos Concretos de Esforço

Introdução

Os Pontos Concretos de Esforço (PCE) são uma característica essencial do nosso Movimento. São pontos de referência para progredirmos na nossa caminhada de fé. Destinam-se a criar em nós uma atitude de abertura ao encontro do Senhor. A Bíblia está cheia de exemplos de conversão na sequência do encontro com o Senhor: Maria Madalena, Zaqueu, a Samaritana.

Os PCE são um desafio ao longo da nossa vida; fazem-nos constantemente avançar. Ajudam-nos constantemente a despertar as nossas atitudes interiores e levam-nos a um novo estilo de vida. Pedem da nossa parte um esforço que é exigente; é por isso que, na partilha dos pontos concretos de esforço, somos encorajados pelos esforços dos outros. A prática dos PCE ajuda-nos a conformar-nos melhor com Cristo.

«Só o homem, de entre todas as criaturas da terra, pode mudar o seu estilo de vida. Só o homem é arquitecto do seu destino. A maior descoberta da nossa geração é que os seres humanos podem mudar os aspectos exteriores da sua vida mudando as suas atitudes de espírito interiores»[20].

Uma maneira prática de abordar os PCE

A tendência fundamental das pessoas eficazes é levar com determinação uma vida activa. A decisão de aderir aos PCE implica que se adopte este tipo de comportamento. Uma vida activa determinada significa que somos responsáveis pela nossa vida; o nosso comportamento decorre das nossas decisões e NÃO dos nossos condicionalismos. É a nós que compete tomar a iniciativa e a responsabilidade de adoptar um novo estilo de vida ou de mudar o nosso estilo de vida actual. O comportamento de pessoas activas e determinadas é o resultado das suas próprias escolhas, baseadas nos seus valores. Se nos detivermos a reflectir nos nossos valores e a tomar consciência deles, a qualidade das nossas atitudes será influenciada por isso, e essas atitudes vão marcar o nosso comportamento.

O antropólogo Ashley Montagu disse: «A minha maneira de mudar o meu estilo de vida é agir como se eu fosse a pessoa que quero ser».

Para nos transformarmos desta forma, é preciso estarmos comprometidos. Esse compromisso deve ser o resultado de uma tomada de consciência pessoal, de uma vontade independente e do exercício da nossa imaginação.

[20] William James, *Princípios de Psicologia*

Se prestarmos atenção ao que fazemos durante o tempo em que estamos acordados, podemos chegar a uma nova consciência do que somos de verdade. A nossa vontade independente permite-nos tomar as nossas próprias decisões, fundamentadas nos nossos pensamentos e nos nossos sentimentos. A nossa imaginação permitir-nos-á ir em espírito além da nossa realidade presente.

Lemos no *Segundo Fôlego*: «O Senhor toma-nos no ponto em que estamos; não se trata de "queimar etapas" ou de forçar o tempo; trata-se de querer progredir a partir da situação em que cada um se encontra». Praticar todos os dias os PCE com um coração sincero transformará verdadeiramente as nossas vidas.

Com isto bem presente, consideremos agora os nossos Pontos Concretos de Esforço:

- Escuta da Palavra de Deus
- Oração Pessoal
- Oração Conjugal
- Dever de Se Sentar
- Regra de Vida
- Retiro Anual

1. Escuta da Palavra de Deus

Deus fala-nos através das Escrituras

Que lugar damos à Palavra de Deus na nossa vida quotidiana? Toca-nos e influencia-nos? Será que as passagens da Bíblia que lemos nos comovem ou nos provocam? Poderemos rezar como Samuel: «Fala, Senhor; o teu servo escuta!»?

Todos criamos amizades e relações dialogando com outras pessoas e revelando-nos a elas cada vez mais.

Deus fala-nos porque quer estabelecer uma relação connosco e dar-Se-nos a conhecer. Escutando a Palavra e meditando-a, acabamos por conhecer melhor a pessoa de Jesus. Se, quando lemos a Bíblia, inserirmos o nosso próprio nome no texto, isto pode ajudar-nos a ouvir a Palavra de Deus dirigir-se pessoalmente a nós no tempo e no espaço em que nos situamos. Por exemplo: *«João/Maria, não tenhas medo. Eu estarei sempre contigo…»* (cf. Mt 28,20).

Isto pode tornar mais realista para nós o facto de Deus nos falar directamente no ponto em que estamos. Escutando a sua Palavra atentamente no nosso coração, descobriremos que a nossa vida se orienta de forma diferente para responder ao seu apelo a que vivamos a nossa vida de forma mais plena.

O Cardeal John-Henry Newman rezava: «Deus criou-me para Lhe prestar um serviço específico; confiou-me uma tarefa que não confiou a mais ninguém».

A Palavra de Deus motiva-nos todos os dias pessoalmente e na nossa vida de casal.

2. A Oração Pessoal

«Quando orares, […] *reza em segredo a teu Pai»* (Mt 6,6)

«Deus não se cansa de chamar cada um, pessoalmente, para o encontro misterioso com Ele. A oração acompanha toda a história da salvação, como um apelo recíproco entre o homem e Deus» (Catecismo da Igreja Católica, nº 2591).

Temos consciência da maravilha que representa ser amigo de Deus? Alguma vez reflectimos no que significa poder estar na sua presença e poder falar com o Deus do Universo? Deus deu-nos o direito de nos pormos na sua presença quando quisermos: podemos chamá-l'O à nossa cabeceira, ao nosso local de trabalho, e Ele aí está connosco.

Deveríamos pensar na grande, terna e humilde solicitude da sua amizade e responder-lhe.

As Escrituras dizem-nos que é o coração que reza. Se o nosso coração está longe de Deus, as palavras da nossa oração serão vãs. O coração é o centro da nossa vida, o lugar do encontro. Se nos detivermos a responder ao amor de alguém, isso despertará em nós sentimentos profundos. Tentemos ver como reagimos quando escutamos Deus revelar-nos o seu amor por nós.

O Padre Caffarel dá-nos um conselho: «Tende consciência — não digo da presença de Deus — mas de Deus presente. Ele vive, o Deus Vivo. Ele está aí; espera-vos, vê-vos, ama-vos»[21].

Na Carta Mensal de Maio de 1954 que antecedia a Peregrinação das Equipas a Lourdes no Pentecostes, o Padre Caffarel fez um apelo à oração pessoal: «Contentar-se em permanecer na multidão que rodeia Cristo sem procurar um contacto pessoal com Ele, […] seria dar provas de muita indiferença […]». E acrescenta: «Basta fazer silêncio e prestar atenção. Não se trata de uma sensação espiritual, de uma experiência interior; trata-se de *fé*: acreditar na Presença. Adorar em silêncio a Trindade viva. Oferecer-se e abrir-se à vida transbordante. Aderir, comungar do seu Acto eterno». Mais adiante, diz: «É preciso que cada um se comprometa neste caminho secreto, próprio de cada um, o único que permite alcançar pessoalmente Cristo. A este caminho secreto — e estreito — ninguém vos pode conduzir. Compete a cada um de vós, descobri-lo. Sede humildes, sede puros, sede dóceis, sede orantes, sede perseverantes e encontrá-lo-eis — encontrareis Cristo»[22].

Há inúmeras formas de oração pessoal: alguns podem simplesmente recolher-se e repousar na presença do Senhor; outros praticam a *Lectio Divina*; outros meditam uma frase

da Bíblia ou repetem um mantra. Cabe a cada um descobrir a forma ou as formas que facilitem um encontro íntimo com Deus nosso Criador. Rezemos como pudermos — e não como pensamos dever fazê-lo.

São Paulo pergunta: *«Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?»* (1 Cor 3,16)

A seguir ao tempo de oração pessoal, talvez o casal descubra que é vantajoso partilhar sobre a maneira diferente como cada um percebe Deus que lhe fala. Esta partilha enriquecerá a sua relação e ajudará os cônjuges a aprofundar o seu compromisso relativamente à oração pessoal e à oração conjugal.

---

[21] Lettres sur la Prière –Setembro 1964
[22] Padre Fleischmann, A herança do Padre Caffarel – Roma 2003

«A vida de equipa ensina-nos que o sentido da **oração** é verdadeiramente abandonar-se nos braços do Pai. N'Ele pomos as nossas esperanças, a Ele entregamos as nossas dores e as nossas inquietações, com Ele conseguimos olhar o amanhã […]»[23].

3. A Oração Conjugal

«Nada estabelece laços mais íntimos do que juntos procurarem Deus» (Padre Caffarel).

Quando os esposos rezam juntos, entram na mais profunda das partilhas. Ouvindo-se rezar, tornam as suas almas mutuamente transparentes; ficam sensíveis um ao outro e partilham a sua experiência de Deus. Esta oração supõe o esforço para reservarem tempo e o esforço para rezarem juntos.

Por vezes, um dos cônjuges tem o dom de rezar e reza pelos dois. «A nossa união conjugal inclui a partilha do sofrimento, pois a Cruz sela a união de Cristo com a humanidade». Nos tempos difíceis, a oração conjugal dará a força para preservar o casamento.

«[…] rezar é dizer: "Senhor, estou aqui, estamos aqui, procuramos-Te, queremos-Te junto de nós como companheiro de viagem e guia no nosso caminho, irmão e amigo na partilha de cada dia, mestre diante das nossas confusões e dos limites da nossa compreensão»[24].

Casais das Equipas, cada um tem a sua maneira de rezar juntos, marido e mulher. No entanto, podemos ensaiar novos métodos a fim de mantermos a nossa oração fresca e viva. Talvez nos encontremos um dia no cimo de uma montanha, ou à beira de um rio, ou sentados uma noite sob o céu estrelado, ou na cozinha ao nascer do dia. Nesses momentos, a proximidade de Deus em relação ao nosso casal talvez nos leve a rezar juntos, louvando Deus ou ficando em silêncio, conscientes da sua presença junto de nós.

«Ó, vales e bosques,
plantados pelas mãos do Bem-amado,
dizei-me se ele passou por vós!» São João da Cruz.

Em viagem, no trânsito, podemos rezar o terço juntos. Outros assistem juntos à missa todos os dias. As nossas orações da manhã e da noite são ocasiões para rezar juntos.

[23] Carlo e Maria Carla Volpini, O Casal no Evangelho – Roma 2003
[24] Carlo e Maria Carla Volpini, O Casal no Evangelho – Roma 2003.

4. O Dever de Se Sentar

«Deixai a margem, fazei-vos ao largo». Era assim que o Padre Caffarel sugeria que abordássemos este PCE.

O filosofo Séneca também aconselha: «Não há vento favorável para quem não sabe aonde vai».

Todos nos afastamos, de vez em quando, do destino que tínhamos escolhido. O Dever de Se Sentar (DSS) dá-nos a ocasião de reconsiderarmos no diálogo o projecto de vida que traçámos e de tomar decisões para nos voltarmos a pôr na boa direcção. Temos necessidade de nos voltarmos um para o outro, de nos olharmos de frente e de perguntarmos um ao outro: «Onde estamos no nosso desenvolvimento espiritual?».

O DSS é a altura de passarmos juntos um momento, sabendo que Deus está ali ao nosso lado. Pode ajudar-nos um simples gesto simbólico, como seja acender uma vela, começar por uma oração ou um momento de silêncio para tomarmos consciência da presença do Espírito em nós e connosco.

É um tempo para percebermos que somos totalmente senhores da nossa vida e considerarmos os nossos ideais do início: onde estamos na nossa relação com Deus, um com o outro e com a nossa família? Precisamos de cultivar a nossa capacidade de escutar e de compreender o outro pondo-nos no seu lugar. O desejo de entrar em comunhão com o outro e de acolher a partilha está no centro deste momento de escuta. Aprender a dialogar é aprender a apreciar as diferenças.

«A escuta está no centro da vida conjugal; é inútil falar do estado do matrimónio se não aprendermos a comunicar autenticamente e em profundidade, isto é, "estar em união"… Talvez tenhamos a ideia de que dialogamos em profundidade porque falamos muito… O DSS leva-nos a essa profundidade de alma em que só tem lugar um diálogo baseado sobretudo na escuta… O DSS consiste em dar tempo para escutarmos as nossas necessidades mais íntimas e para tentarmos exprimir a força de um amor que cresce apesar das dificuldades ou da rotina quotidiana que, por vezes, torna tudo desprovido de interesse»[25].

Este tempo passado juntos deve ser a ocasião para abordar qualquer assunto que nos diga respeito enquanto casal e família.

É um bom hábito assentar as decisões tomadas durante o DSS para, de tempos a tempos, nos lembrarmos do resultado da nossa partilha.

É conveniente combinar um dia e uma hora para o nosso DSS como no tempo em que namorávamos. Devemos assegurar-nos de que dispomos do tempo e da solidão que nos permitirão ser totalmente abertos e honestos um para com o outro.

[25] Carlo e Maria Carla Volpini, O Casal no Evangelho – Roma 2003.

5. A Regra de Vida

«Uma Regra de Vida tem um valor prático, pois ajuda-nos a manter uma vida equilibrada, centrada e orientada para Deus» (Irmão Roger, de Taizé).

Para fixarmos uma Regra de Vida, é necessário dar tempo para considerarmos honestamente como vivemos a nossa vida.

Todos temos consciência de certas fraquezas que nos impedem de progredir para uma vida mais de acordo com a vontade de Deus. Talvez também tenhamos consciência de certas fraquezas na nossa vida quotidiana e de que mudar a nossa atitude ou o nosso comportamento seria bom para nós próprios e para os que nos rodeiam. Tendo reconhecido um desses pontos sensíveis da nossa vida, a Regra de Vida é a decisão que tomamos para atacar e resolver o problema. Precisamos de fazer um plano para avançar nesse sentido.

O alpinista que quer atingir o cume não se pode permitir deambular pela montanha sem objectivo. Deve ter uma ideia clara do caminho que quer seguir.

O mesmo se passa com a nossa caminhada espiritual. Temos de ter uma ideia clara do nosso projecto e desembaraçar-nos dos obstáculos que pesam em nós.

A progressão da nossa vida espiritual não é linear: há que recomeçar constantemente. É por isso que é preciso ater-se a uma regra de vida até ela se tornar um hábito. Depois, adoptamos outra e, a pouco e pouco, retiramos da nossa vida os obstáculos que nos atrasam o progresso. Podemos introduzir na nossa vida atitudes ou hábitos que nos tornam mais semelhantes a Cristo.

A Regra de Vida deve ser simples, precisa e anotada por escrito. Deve ser uma escolha pessoal e livre a que nos comprometemos.

6. O Retiro Anual

«Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto e descansai um pouco» (Mc 6,31).

Vivemos num mundo de actividades constantes e cheio de exigências. Para vermos este mundo de modo mais objectivo, temos que nos subtrair de tempos a tempos à nossa rotina diária. O retiro anual dá-nos a oportunidade de nos retirarmos para um lugar tranquilo e aí passar dois ou três dias a reflectir num ou noutro aspecto da nossa vida espiritual. É como um oásis no deserto em que podemos beber a água fresca do Espírito e participar num banquete de ricas iguarias que alimentam a nossa alma. É particularmente proveitoso fazer um retiro em casal, pois, de regresso a casa, os cônjuges podem partilhar a sua experiência.

O nosso retiro parece dar-nos a oportunidade de nos aproximarmos ao mesmo tempo de Deus e um do outro durante dois ou três dias sem interrupção. Em muitos casos, o retiro ajuda-nos a adquirir uma melhor inteligência de certos aspectos da nossa fé e da arte de desenvolver a nossa relação de casal.

Reflexão bíblica para a reunião de equipa

O Casal Responsável dirige a equipa num exercício de sensibilização com vista a ajudar cada um a entrar num silêncio profundo e a chegar a um verdadeiro encontro com o Senhor.

Após alguns minutos, um casal lê os versículos dos salmos, um de cada vez, deixando, no fim, um longo tempo de silêncio para que as palavras penetrem no coração de cada um.

«Todo o meu ser anela por Ti,
como terra árida, exausta e sem água» Salmo 63

«Uma só coisa peço ao Senhor:
habitar na casa do Senhor
...é a tua face que eu procuro, Senhor» Salmo 27

«Só em Deus descansa a minha alma:
d'Ele vem a minha salvação» Salmo 62

«O Senhor é a minha rocha… é o abrigo em que me refugio.
… Senhor, Tu manténs acesa a minha lâmpada;
Tu, ó meu Deus, iluminas as minhas trevas» Salmo 18

«Confia ao Senhor os teus cuidados
E Ele será o teu sustentáculo» Salmo 55

«Não me prives do teu santo espírito!
Dá-me de novo a alegria da tua salvação» Salmo 51

«Conduz-me às águas refrescantes.
Reconforta a minha alma» Salmo 23

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

- Em que é que a oração pessoal nos ajuda mais na nossa caminhada de vida?
- Poderá cada um de nós dizer que método de oração considera mais eficaz para se tornar mais intimamente consciente da presença de Deus na oração?
- Como é que a nossa oração conjugal nos leva a uma relação mais profunda no nosso matrimónio?
- Como é que a escuta da Palavra de Deus nos encoraja (motiva) para o desempenho da missão para que fomos criados?

Dever de Se Sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

- Seremos capazes de nos lembrar de um DSS verdadeiramente profundo que tenha tido efeito na nossa vida conjugal? Seremos capazes de confiar um ao outro como isso aconteceu e como o poderíamos provocar mais vezes?

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de Vida.

- *«O amor não se irrita»*. Como podemos, com ternura, partilhar sobre os nossos comportamentos sem provocar nem sentir cólera? A nossa oração em casal ajuda-nos a desenvolver esse clima de caridade? Como, concretamente?

Quinta reunião

A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E A REUNIÃO DE EQUIPA

Introdução

Alguma vez reflectimos no valor, no dinamismo e na criatividade de uma reunião de equipa?

Os índios da América, os maoris da Nova Zelândia e muitos outros recorriam a uma estrutura de equipa para tratarem de todas as questões da sua comunidade e para a formação. Reuniam-se com regularidade e, sentados em círculo, exprimiam-se à vez e todos escutavam. O *Ashram* na Índia praticava o mesmo tipo de relação comunitária para realizar os seus objectivos comuns.

Estes últimos anos, importantes organizações têm investido muito dinheiro para tentarem desenvolver estruturas baseadas na equipa, a fim de promoverem a comunicação, a produtividade e a qualidade, quando a diversidade e as diferenças dos indivíduos se podem associar para a realização de objectivos comuns.

Isto é muitas vezes apresentado como uma **estrutura de formação** em que há vários elementos essenciais:

- Objectivo comum
- Compreensão dos objectivos chave
- Consciência de uma necessária interdependência

Enquanto tal grupo se constitui num espírito de abertura, de partilha, de suporte mútuo e de humildade, o que, a pouco e pouco, se vai revelando é: coesão, confidencialidade, confiança, sinceridade, criatividade e força.

Esta estrutura também é utilizada quando se procura a coesão dos indivíduos num conjunto e se têm em vista desempenhos excepcionais, como numa orquestra clássica, num conjunto de jazz ou ainda numa equipa de remo que aspira à medalha de ouro olímpica.

Quando olhamos a nossa reunião de equipa, podemos descobrir nela uma estrutura de formação. Não se trata apenas da própria reunião, mas é uma estrutura que supõe a participação de cada um de nós, individualmente e em casal, para preparar a reunião e para continuar a nossa formação praticando durante o mês o que aí aprendemos.

O nosso objectivo comum é desenvolver a nossa espiritualidade de casal. Assim, entreajudamo-nos no caminho da santidade e contribuímos para a vinda do Reino.

A reunião mensal

A nossa participação regular na reunião mensal permite-nos discutir este objectivo comum; e isso permite-nos também aprender e pôr em prática o caminho que Jesus nos ensinou.

Partilhando a refeição, participamos numa forma de vida social que Ele praticou muito durante a sua vida na terra, como lemos nas Escrituras:

«Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos» (Mt 26,26).

«E, quando Se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-n'O» (Lc 24,30-31).

Junto ao lago de Tiberíades: *«Disse-lhes Jesus: "Vinde almoçar"»* (Jo 21,12).

Enquanto tomamos a refeição juntos, podemos também partilhar aquilo que constitui a nossa vida, os lugares em que encontramos Jesus no dia a dia, na nossa relação de casal, nas nossas famílias e na sociedade.

Pela partilha dos pontos concretos de esforço, ajudamo-nos mutuamente a compreendê-los e a reconhecer a sua importância, o que ajuda cada um de nós a progredir na santidade e na nossa realização pessoal e conjugal.

O tempo de oração ajuda-nos a partilhar com base na Escritura, a explorar, através das nossas trocas de pontos de vista e da nossa oração em comum, o significado do plano de Deus para a salvação e a maneira de o vivermos, e a tomar plenamente consciência do papel que nos cabe.

Quando em equipa nos pomos de acordo quanto à escolha do tema de estudo, iniciamos juntos um novo percurso. Cada um traz para a reunião as suas descobertas e o fruto dos diálogos já realizados durante o mês. Este estudo ajuda-nos a progredir no domínio específico que estudamos, seja ele sobre a fé, as nossas relações, a solidariedade, etc.

A preparação

Durante o mês, quando preparamos a reunião, podemos pessoalmente estudar e reflectir sobre diferentes aspectos e, em casal, dialogar intimamente, na abertura e na sinceridade, o que é favorecido pelo espírito criado na reunião de equipa.

Assim praticamos os pontos concretos de esforço, e eles são assunto das conversas entre nós; apoiamo-nos mutuamente para perceber melhor que eles constituem balizas importantes no nosso caminho para a santidade. Aprendemos também juntos a linguagem da espiritualidade, que nos ajudará para uma partilha aprofundada e para uma participação mais profunda na reunião de equipa.

Enquanto preparamos o pôr em comum, a partilha espiritual, o tema de estudo e a meditação da Palavra de Deus, e enquanto preparamos o nosso contributo para a refeição, estamos plenamente no nosso papel de cristãos que se dispõem a partilhar com os outros membros da equipa.

«A multidão dos que haviam abraçado a fé tinham um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum» (Act 4,32).

A participação

Participando na nossa reunião de equipa, assimilamos os grandes valores humanos que Jesus nos ensinou a partilhar: em Caná, pela sua escuta interiorizada na casa de Lázaro… Trata-se de dialogar sobre as realidades mais profundas e de partilhar o nosso crescimento espiritual.

O testemunho que se segue é o de um casal extraordinário dos Estados Unidos, Joe e Lois. Conta a sua obra em casal para criarem a «Arca da Amizade», lar para o seu filho autista, com a ajuda da sua equipa.

«Olhando a nossa vida, verificamos que uma coisa maravilhosa aconteceu e continua a acontecer. Movimentos da Igreja Católica como Estudos Bíblicos, Movimento Cristão de Famílias, Cursilhos, Encontro Matrimonial, "Returno" e as Equipas de Nossa Senhora sempre nos orientaram na nossa caminhada. Fazemos continuamente a experiência do Espírito Santo no nosso matrimónio e na vida de cada um de nós. A nossa primeira ideia da "Arca da Amizade" e a sua realização vieram da nossa oração, do nosso dever de se sentar, da nossa regra de vida e também do apoio que recebemos de casais que celebraram o seu matrimónio. Os nossos encontros de equipa regulares foram um factor de grande importância para ajudar Joe a não ser só veterinário vinte e quatro horas por dia e para impedir que Lois se deixasse absorver pelos seus inúmeros compromissos pessoais. Isto ajudou-nos a viver a fundo um único ministério, o de viver em conjunto a espiritualidade conjugal».

A concretização

Durante o mês, a nossa reunião é o nosso alimento. Dada a experiência vivida em equipa e a nossa prática dos pontos concretos de esforço, orientamo-nos cada dia mais para Deus, no caminho que Jesus nos mostrou; e tomamos mais consciência do Espírito que nos guia.

Progredimos na tomada de consciência e na prática dos valores que esse ambiente espiritual nos traz. Vivendo isto, a nossa atitude muda e começamos, a pouco e pouco, a comportar-nos de uma maneira nova em relação a nós próprios, ao nosso cônjuge, à nossa família, à nossa equipa, à Igreja, à paróquia e à sociedade.

Hoje vivemos num mundo materialista que pede sobretudo o «pronto a usar», «uso» que pode dar satisfações imediatas mas que a longo prazo tem, muitas vezes, como resultado feridas, rupturas e a solidão. Para ajudar a remediar esta situação, precisamos de estabilidade, de aprofundamento, de intimidade, de hospitalidade. Convém reflectirmos na importância e no grande contributo que nos trazem os ensinamentos da reunião de equipa e na necessidade dela na sociedade global de hoje.

Sendo isto tão justo no mundo actual, convém que nos lembremos que esse era o quadro já estabelecido na Igreja primitiva: *«Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação»* (Act 2,46-47).

Também o Vaticano II fala da «Igreja doméstica». É grande a nossa gratidão para com aqueles primeiros casais e para com o Padre Caffarel, com o Espírito Santo, pois eles constituíram a nossa primeira equipa e permitiram que o mesmo modelo se espalhasse pelo mundo inteiro.

Não é de admirar — é antes matéria de reflexão — ouvir o que o Padre Caffarel disse quando deixou a sua função de Conselheiro Espiritual do Movimento, em 1973. Interrogado sobre o que considerava o aspecto mais importante da vida de equipa, respondeu:

«No meio desses casais reunidos na sala de um apartamento, há a forte presença do Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um tal como ele é, com o seu mal e o seu bem, e pronto a ajudá-lo a tornar-se naquilo que Ele quer. Ele está ali, como no dia de Páscoa naquela sala "no andar de cima" em Jerusalém quando, de repente, surgiu aos olhos daqueles outros equipistas: os apóstolos. Soprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo". E eles tornaram-se homens novos. Jesus Cristo, no meio dos casais, não deixa de insuflar o seu Espírito. E aqueles que se abrem a esse Sopro — aprende-se, a pouco e pouco, a abrir-se a ele — tornam-se homens desse Sopro. E a reunião prossegue, animada pelo Espírito. A esses homens e a essas mulheres que, num rude fim de tarde, chegam tantas vezes esgotados, cheios de preocupações, esse Espírito comunica a dupla paixão de Cristo: a sua impaciência pela glória do Pai e a sua ardente e doce piedade por aquelas multidões que "são como ovelhas sem pastor".

«O que eu acabo de dizer não é o que é sempre, mas é o que devia ser. É que uma reunião de equipa que não seja, antes de mais, esforço comum para encontrar Jesus é uma coisa qualquer, nas não é uma reunião de Equipa de Nossa Senhora».

<u>Reflexão bíblica para a reunião de equipa</u>

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai e comei: Isto é o meu corpo». Em seguida, tomou o cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue

da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados. Eu vos digo: Não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai (Mt 26,26-29).

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

- Durante o mês, damos alguma prioridade à preparação da nossa reunião de Equipa, conscientes de que ela será um encontro com Jesus?
- Enquanto partilhamos a refeição, temos verdadeiramente consciência de que Jesus está presente connosco?
- Como percebemos que a equipa que nos rodeia é um lugar de formação?

Dever de Se Sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

- Enquanto as nossas equipas, os nossos esforços em equipa, nos fazem progredir para a santidade, que acções práticas podemos fazer para viver mais a fundo uma verdadeira vida cristã?

Mudança nos nossos comportamentos

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de Vida.

Para preparar a nossa reunião mensal, procuremos em casal fazer o nosso Dever de Se Sentar pouco depois da reunião. Isto poderá ajudar-nos a dirigir a nossa atenção para os outros pontos concretos de esforço. Também isto nos pode fazer perceber melhor o nosso apoio mútuo para responder ao nosso ideal durante este mês. Como é que a nossa oração conjugal antes do Dever de Se Sentar pode ser um bom meio para progredirmos?

Sexta reunião

ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E ESCOLHA DE VIDA

Primeira parte: Progredir no amor a Deus

Introdução
O verbo «orientar» significa «voltar-nos para uma direcção» ou «ir para»

Como orientamos as nossas vidas para Deus?

Onde podemos encontrar um guia para escolhermos a nossa direcção?

Que é que nos dá força e determinação para manter as nossas prioridades?

Quais são os nossos modelos para desempenhar o nosso papel?

A estrutura das Equipas de Nossa Senhora com a constituição da nossa equipa de base, a reunião de equipa e os Pontos Concretos de Esforço deve ter um impacte significativo nas nossas vidas para nos orientar para a santidade e para Deus. Se a nossa pertença às Equipas nos ajuda a orientar-nos para Deus, que aprendemos dessa orientação para aprofundar a nossa fé? Isso ajuda cada um de nós e o nosso casal a desenvolver uma relação mais pessoal e mais íntima com Deus? Essa relação mais pessoal leva-nos a mudar as nossas atitudes e os nossos comportamentos e reflecte-se na forma como vivemos?

A nossa orientação deveria ajudar-nos a desenvolver a nossa relação com Deus, o Deus da eternidade que estará sempre presente — a descobrir que Deus é próximo, que nos ama, que é «evidente» na beleza da criação que nos rodeia, evidente no recém-nascido, em cada uma das nossas respirações, evidente na natureza do cosmos e na sua imensidade e em todas as leis da natureza que funcionam tão maravilhosamente bem.

<u>O exemplo de Jesus</u>

Jesus, o Filho de Deus, veio e tomou uma dimensão humana para nos mostrar um caminho através da selva da vida. Veio para nos mostrar o caminho para chegar à casa do Pai e nos ensinar a viver as nossas vidas. Na sua humanidade, viveu os seus primeiros trinta anos num ambiente familiar. Durante esses anos, aprendeu a formar a sua personalidade humana, e aprendeu e viveu os valores que Deus Pai, pelo Espírito Santo e pelos profetas, tinha procurado comunicar ao longo da história. Este mesmo Jesus no seu ministério público ensinou-nos como viver esses valores a fim de cada um de nós poder chegar à vida eterna, sem deixar de viver plenamente a sua vida.

«Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10).

A vida pública de Jesus começou quando Ele humildemente quis ser baptizado por João Baptista; depois, quando, em resposta à intercessão de sua mãe, fez o seu primeiro milagre em Caná na Galileia; por fim, avançou para o dom total de Si mesmo por cada um de nós na Cruz. Durante a sua vida pública, Jesus ensinou-nos a viver plenamente como pessoas humanas com os valores e o amor necessários para viver numa comunidade de amor, numa

nova realidade espiritual e social que engloba todas as pessoas através do amor, da misericórdia e da justiça de Deus, reunindo-as numa mesma família.

E fê-lo através dos seus ensinamentos, do exemplo da sua própria vida, dos seus milagres e da sua capacidade de escutar os seus irmãos humanos, de discernir o que há neles e de os curar. Como se isto não bastasse, após a sua crucifixão foi sepultado, ressuscitou dos mortos e subiu para junto do Pai, que nos mandou o seu Espírito.

«Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco» (Jo 14,16).

O Espírito Santo

O Espírito Santo está agora em cada um de nós — Ele é o Defensor que Jesus pediu ao Pai que enviasse. Foi o Espírito Santo que desceu sobre Jesus quando Ele foi baptizado por João no Jordão. Foi este mesmo Espírito Santo que desceu sobre os discípulos reunidos no Cenáculo com os Apóstolos, que lhes deu a força de evangelizar o mundo, de viver e de ensinar, de curar e de constituir uma comunidade como Jesus lhes tinha mostrado. É o mesmo Espírito Santo que vem a cada um de nós no nosso Baptismo e que nos confere os seus dons específicos na Confirmação. Os sacramentos, os dons e a promessa do Espírito estão sempre connosco; permitem que cada um de nós possa desempenhar a missão de Jesus, que faça crescer comunidades de amor durante a nossa vida, que faça com que o Reino de Deus venha à terra como está no céu.

Quando damos tempo ao silêncio e à atenção à sua presença, o próprio Espírito espera pacientemente para nos falar, para nos guiar e para nos sustentar a viver a nossa vida em pleno. Jesus prometeu-nos: *«Não vos deixarei órfãos. Eu voltarei a vós!»* (Jo 14,18).

Deus Trindade não só nos mostrou o caminho, mas continua a fazê-lo graças à presença do Espírito Santo, através da obra das Sagradas Escrituras inspiradas e da tradição da nossa Igreja mestra.

Os Sacramentos

Também somos particularmente guiados e sustentados pelo que recebemos através dos sacramentos que nos dão a graça e a força para continuarmos a nossa tarefa neste mundo. **O Baptismo e a Confirmação** dão-nos a graça e os dons que nos permitem ser discípulos de Jesus.

O **Sacramento dos Doentes** prepara-nos para aceitarmos a nossa fraqueza e os nossos sofrimentos graças ao apoio de Cristo e para nos reunirmos numa comunhão eterna com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

O Sacramento da Reconciliação está sempre acessível. Quando nos abeiramos deste sacramento, recebemos, pela misericórdia de Deus, o perdão para as ofensas cometidas contra Ele. A graça do perdão é-nos dada e permite sermos escutados, reconhecermos as nossas fraquezas e arrependermo-nos delas. À sua maneira particular, este sacramento dá-nos a paz interior que está associada ao perdão. A experiência do perdão de Deus para os nossos pecados deveria aumentar a nossa capacidade de nos perdoarmos uns aos outros.

«Perdoar supõe uma decisão fundada na reflexão e no diálogo. O perdão não surge espontaneamente e exige tempo. Exige grandes esforços e uma boa dose de generosidade, de humildade, de coragem, de compreensão e de amor»[26]. Aí temos a força e a inspiração para perdoar aos outros. Aí encontramos com que construir comunidades em paz.

No nosso **Sacramento do Matrimónio** — como referimos no segundo capítulo — Cristo entra na vida dos cristãos casados e fica com eles para sempre.

«Pela **Eucaristia**, Cristo irrompe hoje na nossa vida. Ele é Aquele que é, que era e que vem; o que aconteceu em momentos sucessivos (instituição da Eucaristia em Quinta-feira Santa, a morte na cruz em Sexta-feira Santa, a Ressurreição no Domingo de Páscoa) torna-se-nos presente num único momento, acto único que resume tudo o que Ele é e tudo o que Ele fez por amor por nós. Celebrar isto, fazer memória, é manifestar aos olhos do mundo a nossa fé na presença de Deus no centro da nossa vida»[27].

No seu discurso às Equipas em Janeiro de 2003, João Paulo II associava intimamente a vida e o compromisso dos casais à participação na Eucaristia: «Mistério de aliança e de comunhão, o compromisso dos esposos convida-os a ir buscar a sua força à Eucaristia, "fonte do matrimónio cristão"[28] e modelo para o seu amor […] para o diálogo e para a comunhão dos corações».

Em 1963, o Padre Caffarel falava da Eucaristia: «Como sabeis, a qualidade da união entre dois seres está em proporção com o que partilham; daqui deduzis o que é a verdadeira vida da Igreja na Eucaristia. É a vida de Cristo que deveis acima de tudo partilhar entre vós».

Receber diária ou semanalmente o Corpo e o Sangue de Cristo — que nos foram deixados na Última Ceia — vai certamente fortalecer-nos para ficarmos mais semelhantes a Ele e para nos fazer viver plenamente os seus valores e o seu exemplo.

A ascese cristã

A partir da formação que recebemos das Equipas,

- podemos aprofundar a nossa relação com Deus Pai, com Jesus e com o Espírito Santo,
- se percebermos melhor o valor dos sacramentos e a graça que estes trazem à nossa vida,
- por esta tomada de consciência, chegar à prática efectiva dos sacramentos,
- pela nossa participação, recebemos as graças e as bênçãos que Jesus associou a eles.

[26] Andrés e Sylvia MERIZALDE, Chamados à reconciliação – Supra-Região da América Latina
[27] Bernard e Elizabeth GÉRARD, O casal chamado à Eucaristia – Supra-Região França-Luxemburgo-Suíça.
[28] *Familiaris Consortio*, nº 57.

Estando tudo isto ao nosso alcance, é então certo que o nosso desafio consiste em viver mais como Jesus nos pediu e como Ele próprio nos deu o exemplo.

Jesus disse: *«Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-Me»* (Mt 18-9,21).

Jesus não tinha onde reclinar a cabeça…

«Permanecei em Mim, que Eu permaneço em vós» (Jo 15,4).

«Se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós vos deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também» (Jo 13,14-15).

«Eu sou o pão da vida […] *Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele, não morrerá. Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo»* (Jo 6,48-51).

Modelos cristãos

Temos inúmeros modelos a imitar, aqueles que conheceram enormes mudanças para se orientarem para uma vida cristã autêntica: Santo Agostinho, Santa Teresa de Ávila, Santo Inácio de Loyola, São Vicente de Paulo, o Cardeal Newman, Madre Teresa, o papa João Paulo II… Há também as centenas e os milhares de missionários leigos que abandonaram o conforto das suas casas e os seus bens terrenos para se darem aos pobres e aos marginais, uns perto de casa, outros algures no mundo. Isto para responder ao apelo de Jesus:

«Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes…» (Mt 25,40).

A nossa relação com Deus está em função da nossa relação com os outros e da nossa resposta às suas necessidades.

Orientar-se para Jesus

Que significa hoje para mim/para nós orientar-nos no seguimento de Jesus?

Quando Jesus nos pede que vendamos todos os nossos bens.

Quando nos diz que o que fazemos a outro é a Ele que o fazemos!

Quando Jesus nos pede que não tenhamos medo — que nos desapeguemos dos nossos bens terrenos.

«Vendei os vossos bens e dai-os de esmola. Arranjai bolsas que não envelheçam, um tesouro inesgotável no Céu, […] *Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração»* (Lc 12,33-34).

No mundo actual, azafamado e materialista, em que nós próprios e tantos à nossa volta são marginalizados e excluídos, não deveríamos pôr em prática as palavras de Jesus na montanha, que conhecemos sob o título de Bem-aventuranças? Quando decidimos seguir Jesus, temos que estar prontos para o dom de nós próprios. É preciso deixarmos de procurar as opções mais fáceis.

«Não é dado aos homens nem às mulheres escolherem a sua cruz: ela é-lhes imposta, como a Simão de Cirene, que O seguia contra vontade — mas que experimentou mais tarde a alegria de O ter seguido»[29].

Reflexão bíblica para a reunião de equipa

«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu.

Felizes os que choram, porque serão consolados.

Felizes os mansos, porque possuirão a terra.

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.

Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu.»

(Mt 5,3-10)

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

- Poderemos dar exemplos de circunstâncias em que tenhamos sentido a presença do Espírito a agir em nós ou em acontecimentos da nossa existência?
- Como é que os métodos do nosso Movimento nos ajudam a compreender de uma maneira mais íntima e pessoal o nosso itinerário na fé?
- Como poderá cada um de nós, de maneira prática e concreta, tornar-se mais sensível às necessidades dos homens nossos irmãos?
- Estamos prontos a darmo-nos a nós mesmos para seguirmos Cristo?

[29] Cardeal Godfried Danneels (Bélgica), La Croix : Arbre maudit, Arbre de vie, Arbre en fleur (A Cruz : Árvore maldita, Árvore da vida, Árvore em flor) – estrofe 3.

Dever de Se Sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

Como é que as nossas escolhas de vida, como pessoa e como casal, nos ajudaram a definir a nossa atitude em relação aos marginalizados e aos excluídos?

Que acções concretas poderíamos empreender futuramente em casal para respondermos de maneira prática a esta questão?

Mudança nos nossos comportamentos

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de Vida.

- De que Bem-aventurança estou/estamos mais próximos e de qual estamos mais afastados? Como nos poderemos ajudar um ao outro a progredir?
- Será a nossa oração conjugal uma escolha de vida essencial para o nosso casal? Como torná-la ainda mais vital?

Sétima reunião

ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E OPÇÃO DE VIDA

Segunda parte: Fazer crescer o amor para o futuro

No capítulo referente à sexta reunião, desenvolvemos algumas ideias sobre a forma como podemos e devemos em casal fazer escolhas de vida orientadas para Deus. Neste capítulo, vamos considerar certos aspectos em que podemos tomar orientações para progredir no amor, para trabalhar pelo futuro dos nossos filhos, da sociedade e da Igreja.

Preocupação com a educação humana e cristã dos filhos

«A família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e de onde o Evangelho irradia»[30].

«Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa» (Gn 1,31).

Deus fez-nos, enquanto casal, co-criadores com Ele das gerações vindouras. Confiou-nos os nossos filhos — criados à sua imagem, puros e sem mancha — para serem amados, acarinhados e educados segundo os valores da vida cristã. Esta pesada responsabilidade deve ser exercida com amor e grande cuidado.

Os filhos, quando nascem de nós, vêm totalmente livres, sem atitudes inatas, abertos a tudo, cheios de confiança e de amor sem reservas. Não há pecado imanente nos recém-nascidos, mas eles nascem muitas vezes num mundo indiferente. Chegam, em geral, a uma sociedade egoísta, cheia de falsos valores, de individualismo e de espírito de competição, onde o dinheiro é a medida de tudo. O nosso papel de pais consiste em lhes mostrar um outro caminho, para que eles possam viver em plenitude.

A graça recebida no baptismo dá-nos a força para nos opormos a este tipo de mundo. Tornamo-nos Povo de Deus não por nascimento mas «pela fé em Cristo Salvador e pelo baptismo, *o nascimento do alto, da água e do Espírito* (cf. Jo 3,3-5). Tornamo-nos assim filhos de Deus, de condição livre: *«o Espírito tornar-vos-á livres»*[31]. Deus deu-nos uma vontade livre. Para vivermos de maneira diferente — à imitação de Cristo — a nossa "boa vontade" não chega; temos que "nos dispor" a mudar os nossos comportamentos.

[30] Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, nº 71.
[31] Padre Fleischmann, Olhares sobre a Igreja, na fé – Melbourne 2002

O mundo em que vivemos actualmente põe-nos em presença de exigências materiais, de um pensamento liberal, da injustiça social e do abaixamento de critérios de moral tanto na vida pública como na vida privada. Os jovens são confrontados com esse desequilíbrio da sociedade e, deixados sem respostas, tendem inconscientemente a aceitar e a seguir o que é corrente.

Comunicar de maneira diferente

Como pais, como poderemos transmitir aos nossos filhos as virtudes que farão do mundo um lugar melhor para todos?

Os jovens precisam de fazer a experiência dos valores cristãos nas relações interpessoais. Precisam de criar hábitos de oração a fim de construírem a sua fé e estabelecerem e manterem a sua relação com Deus. Podemos facilitar isto através da oração em família e de conversas com eles sobre questões de fé e de justiça.

Devemos tratar os nossos filhos como seres de valor infinito em virtude da sua dignidade de filhos ou filhas de Deus. Os cristãos são reconhecidos pelo amor que têm uns pelos outros: *«Vede como eles se amam!»*.

Isto exigirá inevitavelmente "sacrificar a própria vida pelos outros". Se os nossos jovens se sentirem membros de uma verdadeira comunidade em que as pessoas se esforçam em conjunto por discernir a vontade de Deus sobre a sua vida, de uma comunidade em que se partilha a escuta da Palavra para nela encontrar orientação de vida, de uma comunidade em que as pessoas se apoiam mutuamente nos momentos difíceis, então dar-se-ão conta de que são membros de uma comunidade cristã autêntica.

«Se Cristo lhes for apresentado com o seu verdadeiro rosto, os jovens reconhecem-n'O como resposta convincente e conseguem acolher a sua mensagem, mesmo se exigente […]»[32].

Para que a Eucaristia tenha significado na sua vida, ela tem de exprimir um sentido de comunidade em que se procura em conjunto amar e servir a Deus. Isto deve ser vivido no amor por aqueles que sofrem mais na nossa comunidade, pondo-se ao seu serviço. Temos de compreender que, cada vez que tentamos promover a justiça, a paz, a verdade e o amor, provocamos resistência por parte dos outros que procuram proteger os seus interesses pessoais. Jesus viveu isto bem de perto. E foi isto que O levou à condenação.

Enquanto comunidade, somos o Corpo de Cristo, a morada do Espírito Santo. Devíamos ser homens e mulheres que se esforçam por aliviar os sofrimentos da humanidade, que reagem de forma humana às necessidades humanas, que levantam a voz contra a injustiça e que assim desempenham a missão de Cristo. Isto — há que admitir — leva-nos a tomar a cruz.

Para os nossos jovens, que tantas vezes são idealistas e que querem mudar o mundo, isto tem sentido. Devemos, em família, apoiar-nos mutuamente para vivermos estes ideais. Devíamos começar por iniciativas modestas, na nossa vizinhança, que tenham êxito e façam a diferença. Devíamos trabalhar no nosso círculo de influência, onde nos é possível promover

[32] João Paulo II, *Novo millenio ineunte*, nº 9.

mudanças, mais do que desperdiçar esforços em domínios que estão fora da nossa influência. Isto dar-nos-á, assim como aos nossos filhos, a coragem de avançar com segurança e confiança, com a ajuda do Espírito Santo.

Praticar a hospitalidade e ser um casal acolhedor

Por todo o mundo, os casais das Equipas de Nossa Senhora sentem-se perfeitamente à vontade quando se encontram. Além disso, após alguns dias juntos, sentem-se muito próximos uns dos outros. Muitos de entre nós dizem que é uma das maravilhosas experiências que a pertença às Equipas permite.

Será, de facto, fruto do carisma das Equipas ou será simplesmente uma maneira autenticamente cristã de agir? Devemos praticar esta abertura para com todos aqueles que se cruzam connosco. Então, eles descobrirão o amor de Deus através do nosso amor, do nosso acolhimento e da nossa abertura em relação a eles. Deus vivo que nos ama revela-Se nos corações vivos que amam.

Jesus disse: *«Era peregrino e recolhestes-Me»* (Mt 25,35).

Peregrino é aquele que é diferente. Quando decidimos acolher o peregrino, descobrimos um amigo, vivemos uma comunhão e Deus está presente.

No seu livro *Communauté et croissance*, Jean Vanier diz que «o acolhimento é um dos sinais de que uma comunidade está viva. Se uma comunidade fecha as suas portas, isso é sinal de que também os corações se fecham. O acolhimento é uma atitude: é a abertura constante do coração; é dizer aos outros a cada instante: 'entrem'; é dar-lhes lugar; é escutá-los com atenção».

«Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo» (Ap 3,20).

Testemunho concreto do nosso amor a Cristo por um ou mais compromissos na sociedade

A nossa missão de 'Povo de Deus' é ser *'sal da terra'* e *'luz do mundo'* (Mt 5,13-16).

Apenas um pequeno número de entre nós está visivelmente integrado — por um compromisso de toda a vida — na Igreja de Cristo: são os padres e os religiosos. Por 'Igreja' entendemos a comunidade de homens e de mulheres que professam que 'Jesus Cristo é o Senhor' e que se comprometem activamente no seu serviço. Todos somos responsáveis por fazer com que o Reino de Deus venha. O Concílio Vaticano II mostrou-nos que a missão da Igreja é ao mesmo tempo religiosa e temporal, espiritual e social.

Por conseguinte, enquanto 'Povo de Deus', temos que reconhecer a nossa missão em sentido lato e consagrar uma parte do nosso tempo a essa missão.

Como membros das Equipas que rezam em casal e que escutam a Palavra, devíamos ser levados a interrogar-nos e a discernir os dons que Deus nos concedeu em vista da construção do Reino. Cada um de nós é responsável por uma parte dessa construção.

«Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus»[33].

«Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo» (1 Cor 12,4).

«Os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros. Temos dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes» (Rm 12,5-6).

Alguns de nós vêem-se talvez dispostos a promover a dignidade da pessoa e a defender os seus direitos, outros a promover a justiça na sociedade, outros a reagir contra as discriminações, outros a tarefas administrativas. Uns sentem-se chamados a ir junto dos pobres, dos desempregados, outros a trabalhar pela libertação daqueles que são dependentes da droga ou do álcool, outros a ajudar os casais em dificuldade (divórcio ou separação), outros a socorrer os sem-abrigo.

Devemos tomar claramente consciência das nossas atitudes, sobretudo nas situações em que «um destes mais pequeninos» da nossa sociedade se nos apresenta com necessidade de auxílio.

«Tantas vezes as manifestações de afeição a Deus, o desejo de permanecer na sua presença, os generosos sentimentos para com todos, bem como as disposições e orações deste género — ainda que excelentes e desejáveis em si — são, no entanto, suspeitas se não se exprimirem em actos concretos de amor que têm verdadeiros efeitos… Amemos a Deus, mas que isso seja pela força dos nossos braços e com o suor do nosso rosto»[34].

<u>Testemunho concreto do nosso amor a Cristo por um ou mais compromissos na Igreja</u>

«Existe na Igreja diversidade de funções, mas unidade de missão»[35].

A nossa vocação eclesial é, pela sua natureza, uma vocação ao apostolado. Todo o cristão tem a obrigação de levar a mensagem de salvação, de a fazer ouvir e partilhar por todos os povos do mundo. Como poderemos esperar realizar essa missão?

Todos pertencemos a comunidades paroquiais em que padres e paroquianos têm que enfrentar juntos este desafio da missão. Esta colaboração deve ser vista como uma partilha não de poder mas de responsabilidade. A nossa atitude deveria ser a de nos interrogarmos em conjunto sobre a forma de realizar esta missão, velando pelas necessidades do povo de Deus.

«Devemos passar de 'da comunidade a mim' a 'de mim à comunidade'»[36].

Em muitos países, o número de padres está a decair. É essencial à vida da Igreja que os leigos se comprometam nas suas paróquias. Na sua carta aos efésios, São Paulo afirma que este espírito de colaboração deve estar no centro da construção de uma comunidade cristã (Ef 4,11-13). Encoraja-os a manter entre eles a unidade do único Corpo de Cristo. Escrevendo aos romanos, fala de «um só Corpo» (cf. Rm 12,4-8). O tema da parábola dos trabalhadores enviados para a vinha (Mt 20,1-16) é que não há lugar para os inactivos. Não é permitido a

[33] *Lumen gentium*, nº 31,
[34] São Vicente de Paulo, *Meditations*.
[35] Concílio Vaticano II, Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, nº 2.
[36] Jean Vanier, *Communauté et Croissance*.

quem quer que seja ficar sem fazer nada. Devemos comprometer-nos, uns de maneira modesta mais discreta, outros de maneira mais pública e visível.

«Entre os deveres fundamentais da família cristã está o dever eclesial: colocar-se ao serviço da edificação do Reino de Deus na história, mediante a participação na vida e na missão da Igreja»[37].

Dantes, estar comprometido ao serviço da Igreja queria dizer muitas vezes participar em comissões de manutenção da igreja ou das finanças. O que agora é preciso é uma missão centrada mais nas pessoas.

Nós, membros das Equipas de Nossa Senhora, temos muito para oferecer, em particular no domínio da preparação para o matrimónio e do aconselhamento conjugal. Enquanto pais, a nossa experiência pode permitir-nos ajudar a preparar as crianças para a recepção dos sacramentos e a organizar a liturgia para as crianças. Muitos de nós, tendo criado filhos, podemos participar em cursos de educação. Lembremos, contudo, que a nossa verdadeira área de competência na Igreja hoje é o desenvolvimento da espiritualidade conjugal. Se cada equipa no mundo pudesse fundar uma nova equipa no meio em que vive e, com isso, introduzir cinco ou seis novos casais e um padre ao método das Equipas de Nossa Senhora, seria enorme o crescimento espiritual que daí resultaria para os cônjuges, para os casais, para as famílias, para a sociedade e para a Igreja.

Para além do que dissemos acima, há muitas outras maneiras de colaborar no trabalho das nossas paróquias: na liturgia, nas visitas ao domicílio, no coro e na música, no ministério da comunhão, na leitura da Palavra… a lista não tem fim. O que é importante é oferecer os nossos serviços aos nossos párocos. Pode ser útil indicar quais são as nossas competências particulares — não com vaidade mas com toda a humildade e com o nosso reconhecimento a Deus pelos dons que d'Ele recebemos. Isto pode ajudar os padres ou os grupos paroquiais a pedir-nos um serviço em que os nossos dons sejam preciosos para a comunidade. Qualquer que seja o serviço que nos peçam, devemos desempenhá-lo o melhor possível. Lembremo-nos sempre de que o Espírito Santo opera através de nós. Somos instrumentos de Deus: na terra, somos os únicos olhos, ouvidos, mãos e pés de que Ele dispõe. Ponhamo-nos à sua disposição e consagremo-nos à tarefa que nos for pedida, seja ela qual for.

<u>Reflexão bíblica para a reunião de equipa</u>

«Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom e Lhe é agradável é perfeito.

Assim, em virtude da graça que me foi dada, digo a todos e a cada um de vós que não se sinta acima do que deve sentir-se; mas sinta-se preocupado em ser sensato, de acordo com a medida de fé que Deus distribuiu a cada um. É que, como num só corpo, temos muitos membros, mas os membros não têm todos a mesma função; assim acontece connosco: os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros. Temos dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se é o da profecia, que seja usado em sintonia com a fé; se é o do serviço, que seja

[37] *Familiaris consortio*, nº 49.

usado a servir; se um tem o de ensinar, que o use no ensino; se outro tem o de exortar, que o use na exortação; quem reparte, faça-o com generosidade; quem preside, faça-o com dedicação; quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria.

Que o vosso amor seja sincero. Detestai o mal e apegai-vos ao bem. Sede afectuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua. Não sejais preguiçosos na vossa dedicação; deixai-vos inflamar pelo Espírito; entregai-vos ao serviço do Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração. Partilhai com os santos que passam necessidade; aproveitai todas as ocasiões para serdes hospitaleiros.»

São Paulo aos Romanos 12,1-13

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

- Como transmitir aos nossos filhos, crianças e jovens, as virtudes que farão do mundo um lugar melhor para todos?
- Troquemos pontos de vista sobre as formas de estabelecer relações novas com aqueles que são talvez excluídos no trabalho, na paróquia, na nossa vizinhança, com vista a construir uma comunidade a que todos sintam pertencer e em que todos sintam que são amados.
- Como pomos (ou deveríamos pôr) em prática os dons que recebemos para participar na vida da nossa paróquia, do nosso movimento, da nossa comunidade?

Dever de Se Sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

- Partilhemos sobre os dons que vemos um no outro. Vejamos com toda a sinceridade como cada um de nós utiliza os seus dons para fazer avançar o Reino de Deus na terra.

Mudança nos nossos comportamentos

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de Vida.

- Experimentemos tomar uma iniciativa no seio da família que fará a diferença para uma pessoa ou para a comunidade. Se resultar, vejamos que outra iniciativa poderemos tomar. Tentemos assim afinar um projecto de acção familiar exterior.
- A oração familiar, complemento da oração conjugal, é uma prática que nos parece estar no seu devido lugar? Como valorizá-la ou revalorizá-la na nossa família, qualquer que seja a idade dos filhos ou dos netos?

Oitava reunião

ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E SANTIDADE

Introdução

O Padre Caffarel disse-nos com toda a clareza: «O objectivo essencial das Equipas de Nossa Senhora é ajudar os casais a procurar a santidade — nem mais, nem menos» (*Carta das Equipas de Nossa Senhora*).

Para terminar o nosso tema de estudo, vejamos como a estrutura das Equipas de Nossa Senhora nos pode ajudar, individualmente e em casal, a crescer em santidade.

A santidade

Vejamos em primeiro lugar a palavra "santidade". Na Carta aos Romanos, São Paulo exorta-nos à santidade: *«Exorto-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus»* (Rm 12,1).

No Antigo Testamento, o profeta Miqueias dá-nos conselhos para avançarmos em direcção à santidade: *«Já te foi revelado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor requer de ti: nada mais do que praticares a justiça, amares a lealdade e andares humildemente diante do teu Deus»* (Mq 6,8).

São Thierry dizia-nos a respeito da santidade: «Se contemplares Cristo com o teu coração, para lá das palavras, tornas-te como Ele quase sem saber».

No limiar do novo milénio, o Papa João Paulo II disse-nos: «Este ideal de perfeição não deve ser objecto de equívoco vendo nele um caminho extraordinário, praticável apenas por algum "génio" da santidade»[38].

Para definir a espiritualidade, interrogamo-nos: «Será uma maneira de viver segundo o espírito de Jesus? Será santidade? Será ter atingido uma maturidade espiritual e humana?»[39].

«A santidade para nós significa realizarmo-nos pessoal e mutuamente na nossa qualidade de criaturas de Deus»[40].

Como nos diz o *Segundo Fôlego* (2.3), «Os cristãos casados são chamados à santidade. Para eles não é um simples apelo individual, ainda que a pessoa conserve sempre algo de irredutível e incomunicável, mas um caminho a percorrer em casal. Esta é a grande descoberta da espiritualidade conjugal: os dois amores — amor conjugal e amor a Deus — não se excluem mas podem conjugar-se, e todas as exigências da vida cristã podem ser vividas em casal».

---

[38] *Novo millenio ineunte*, nº 31.
[39] John e Elaine Cogavin, A Espiritualidade do Casal – Roma 2003.
[40] Gómez-Senent, O Casal progride na Santidade – Melbourne 2002

Assim, se a nossa espiritualidade conjugal é um caminho para a santidade, para uma maturidade espiritual e humana, para uma maneira de viver segundo o espírito de Cristo, como concebemos uma imitação de Cristo que Se nos apresenta como *«o Caminho, a Verdade e a Vida»* (Jo 14,6)?

Abordagem prática

No seu livro *Comme un pain rompu* (Como pão partido), Peter Van Breemen procura traçar a imagem da plenitude da pessoa de Jesus como modelo a seguir individualmente e em casal. Emprega uma palavra grega — intraduzível em qualquer língua moderna — que descreve muito bem as virtudes de Jesus e a sua plenitude espiritual e humana. Pela graça de Deus, essa mesma plenitude está ao alcance de cada um de nós se escolhermos seguir Jesus. A palavra grega intraduzível que descreve ao mesmo tempo as virtudes e os valores de Jesus é *'prautes'*. O autor descreve:

- O retrato que Jesus nos dá de Si mesmo nas oito Bem-aventuranças (Mt 5,3-10); as Bem-aventuranças reflectem a sua maneira de viver, bem como a dos que n'Ele acreditam.
- Os nove frutos do Espírito: *«…amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio»* (Gl 5,22).
- Um coração em paz.
- A plenitude espiritual e humana de Jesus, a sua humildade quando desceu do Monte das Oliveiras montado num jumento.
- *«…aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para o vosso espírito»* (Mt 11,29). Jesus é uma pessoa de coração em paz.

Se a santidade consiste em viver segundo o espírito de Jesus, devemos, em primeiro lugar, escutar a sua Palavra para tomarmos consciência da criação, fruto do amor do Pai, e para sermos guiados pelo Espírito Santo. Para o conseguir no nosso mundo carregado de preocupações e para crescermos em santidade e tomarmos Jesus como modelo, **devemos, como Ele, estar em paz**. Precisamos de um coração pacífico. É no silêncio que se encontra essa paz interior, que tomamos consciência da presença de Deus. O próprio Jesus procurava constantemente um lugar tranquilo onde pudesse estar no silêncio. Retemperava as suas forças passando tempo em silêncio com o Pai. Também nós precisamos de um tempo de silêncio.

«A erva cresce verde e luxuriante no silêncio; as árvores crescem em majestade no silêncio; a flor abre-se no silêncio»[41].

Outra maneira de captar o sentido da palavra *'prautes'* é *«amando-nos uns aos outros como Ele nos amou»*.

E Jesus mostra-nos também como captar esse sentido quando, como era seu costume, estava na sinagoga de Nazaré em dia de Sábado. Ele definiu a sua própria missão lendo as palavras de Isaías:

[41] Mary McAleese (Presidente da República da Irlanda), *Reconciled Being* (Um ser reconciliado)

«O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu
para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me
a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista,
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4,18-19).

'Prautes'

'Prautes' é mais o que uma virtude: é a soma de todas as virtudes de Cristo. É difícil dar uma definição, mas o termo pode ser ilustrado através da nossa vida se a vivermos com uma total confiança em Deus. Isto supõe ter a esperança cristã.

«A esperança cristã baseia-se na promessa de Jesus dirigida a todos nós: *"...aquele que crê tem a via eterna"* (Jo 6,47). […] A esperança cristã age em nós como um 'motor' que nos impele para o amor, ao serviço dos nossos irmãos. […] Enquanto mantivermos em nós uma esperança viva, procuramos ser semelhantes a Jesus, que é a fonte e a finalidade dessa esperança. Isto levar-nos-á a escutar assiduamente a sua Palavra e o seu ensino, bem como a imitá-l'O na sua maneira de viver. Tudo isto nos sustenta, nos anima e nos mantém afastados do pecado para nos darmos ao serviço dos outros»[42].

Voltando à estrutura do nosso Movimento:

- A nossa reunião de equipa é um lugar de formação da nossa atenção, para o diálogo e para o encontro com Jesus através de uma interacção com os outros equipistas e o Conselheiro Espiritual num clima de caridade.
- O nosso pôr em comum e a discussão de um tema de estudo formam-nos relativamente à fé, às relações fraternas, à sensibilidade social…
- A nossa meditação da Palavra ajuda-nos a conhecer a pessoa de Jesus e apresenta-nos os desafios da vida cristã.
- Os nossos pontos concretos de esforço têm por objectivo ajudar os casais a crescer na vida cristã dando passos concretos para atingir esse objectivo e apoiando-se uns aos outros nas suas caminhadas através da partilha sobre esses mesmos passos.

As Equipas de Nossa Senhora

«As nossas Equipas devem ser, ao mesmo tempo, movimento de iniciação e movimento de aperfeiçoamento» (H. Caffarel – Roma, Maio 1959). A participação na reunião mensal e o respeito pela regra guiam-nos na nossa vida. Devemos considerar a Carta das Equipas não com uma prisão mas como um trampolim para a plenitude da vida cristã. A Carta deveria levar-nos a fazer a vontade de Deus de diversas maneiras, consoante os nossos dons particulares. Isto criará, sem dúvida alguma, «linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido» (1 Pe 2,9). É isto que temos de ser para responder plenamente aos compromissos do nosso baptismo. Jesus indicou-nos a direcção a tomar, e nós recebemos a força do Espírito Santo; viver desta forma não depende senão da nossa vontade.

[42] Andrés e Sylvia Merizalde, A esperança – Houston 2001.

A nossa vocação

Para atingir o objectivo primeiro do nosso Movimento — a procura da santidade — podem orientar-nos os seguintes textos:

- O *Segundo Fôlego* (4.3c):

«O matrimónio está ao serviço da santidade. É, sem dúvida, essa a vocação mais específica das ENS: não se limita a chamar à santidade os leigos casados, mas afirma que a sexualidade humana pode ser um caminho de santidade. Na Igreja, esta atitude é nova; no mundo, é quase revolucionária».

- O Padre Caffarel falando em Roma em Maio de 1959:

«Mas outra razão, ainda mais fundamental, faz-me pensar que os movimentos de aperfeiçoamento para leigos casados correspondem a uma urgente necessidade da Igreja. De facto, é importante que, na hora actual, a santidade de Cristo esteja presente em todos os sectores da vida moderna. Compreendei-me: homens e mulheres entregues a Cristo, habitados pela caridade, movidos pelo Espírito. Operários, camponeses e directores de empresa que sejam santos; artistas e cientistas que sejam santos; políticos que sejam santos. Santos, missionários e talvez mártires. Não esperemos que eles surjam por geração espontânea. Normalmente, não surgirão senão de famílias profundamente cristãs; não serão formados nem sustentados senão por esses movimentos de aperfeiçoamento de que falamos».

- O Papa João Paulo II, falando da renovação qualitativa da Igreja, disse:

«Os movimentos, pelo contrário, estão orientados antes de mais para o renovamento da pessoa. […] Eles integram especialmente leigos que vivem no matrimónio ou exercem várias profissões. O ideal do renovamento do mundo em Cristo nasce em linha recta do fundamental empenhamento baptismal»[43].

Para voltarmos à nossa Carta — a base do nosso Movimento:

«Alguns destes casais fundaram as Equipas de Nossa Senhora. Eles ambicionam levar até ao fim os compromissos do seu baptismo».

Reflexão bíblica para a reunião de equipa

«Rejeita as fábulas ímpias, coisa de comadres. Exercita-te na piedade. O exercício físico de pouco serve, mas a piedade é útil para tudo, pois tem a promessa da vida presente e da futura. É digna de fé e de toda a aceitação esta palavra. Pois se nós trabalhamos e lutamos, é porque pomos a nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, sobretudo dos que crêem.» (1 Tm 4,7-10).

[43] João Paulo II, *Atravessar o limiar da esperança*, Planeta, Lisboa 1994, pp. 156-157

Perguntas para estudo e reflexão durante o mês, que levem a uma partilha profunda na reunião de equipa

- No nosso mundo cheio de ocupações, como poderemos
  progredir em santidade individualmente?
  ajudar o nosso cônjuge a progredir em santidade?
  progredir em santidade em casal?
- Na nossa opinião, como é que a combinação de todos os pontos concretos de esforço das Equipas nos conduzem à santidade e a uma mudança de perspectiva sobre a vida?

Dever de Se Sentar

Pergunta para a preparação pessoal e partilha em casal no DSS mensal:

- Depois de ter lido as palavras de Isaías, Jesus disse: *«Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir»* (Lucas 4,21). Como poderemos entreajudar-nos em casal a viver esta missão e a realizar os compromissos do nosso baptismo?

Mudança nos nossos comportamentos

Abordagens concretas para nos ajudarem, individualmente e em casal, a mudar comportamentos e nos darem ideias para uma Regra de Vida.

- Jesus pede-nos: *«Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração»* (Mt 11,29). Na nossa actual sociedade de consumo, ser manso e humilde de coração exige muita força de carácter, determinação e apoio. Como nos temos entreajudado a progredir nestas virtudes?

  Podemos reflectir nesta pergunta individualmente pouco tempo depois da reunião de equipa e, mais tarde, trocar impressões na intimidade do casal e praticar mais conscientemente estes valores durante o mês.
- Como é que a oração conjugal pode ajudar-nos a realizar o programa desenvolvido nas Bem-aventuranças e a pôr-nos mais no caminho que Cristo nos chama a seguir através do Evangelho: «Vem e segue-Me»?